

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) MARCELO DA COSTA REIS

A GUERRA DO IRAQUE DE 2003:

o emprego de blindados em combate urbano a luz da estratégia operacional

Rio de Janeiro

2009

CC (FN) MARCELO DA COSTA REIS

A GUERRA DO IRAQUE DE 2003:

o emprego de blindados em combate urbano a luz da estratégia operacional

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (FN) Jorge Luís de Araújo Mello

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2009

RESUMO

A análise da fase ofensiva Guerra do Iraque (2003), por envolver o emprego de grande número de meios blindados no nível operacional de condução da guerra, em um Teatro de Operações predominantemente caracterizado por operações militares conduzidas em ambiente urbano, representa uma fonte rica de ensinamentos sob o foco da estratégia operacional para a Marinha do Brasil, em particular para o Corpo de Fuzileiros Navais, que é reconhecidamente pela sociedade brasileira, através de seus representantes, uma tropa de características ímpares na sua prontidão operativa e caráter expedicionário. Este, que em última instância não teria tal significado, se não fosse incansável preocupação da Marinha em modernizar seus meios atentando para o equilíbrio harmônico do conjugado anfíbio. Os ensinamentos colhidos do citado conflito armado, que com certeza vão além dos aqui registrados aqui nesta monografia, serão de grande valia para o planejamento e emprego dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais, que contam com o indispensável apoio dos meios blindados, no nível operacional que no passado assim como no futuro que não nos permite negar. Assim, essa monografia descreve as principais considerações doutrinárias, as lições oriundas da Guerra do Iraque (2003) a luz da estratégia operacional.

Palavras-chave: ambiente-urbano; blindados, estratégia; guerra-de-manobra; Grupamentos-Operativos-de-Fuzileiros-Navais; Iraque;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Anticarro
ADM	Arma de Destruição em Massa
BCT	Brigade Combat Team
C ²	Comando e Controle
CC	Carro de Combate
CENTCOM	Comando Central
CFN	Corpo de Fuzileiros Navais
CG	Centro de Gravidade
CIA	Central Intelligence Agency
CLANF	Carro Lagarta Anfíbio
ComCTe	Comandante do Componente Terrestre
ComTO	Comandante do Teatro de Operações
CTe	Componente Terrestre
DBM	Doutrina Básica da Marinha
DICA	Direito Internacional Aplicado aos Conflitos Armados
EB	Exército Brasileiro
END	Estratégia Nacional de Defesa
EUA	Estados Unidos da América
FT	Força Tarefa
GM	Guerra de Manobra
GptOpFuzNav	Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais
HB	Hipótese Básica
HE	Hipótese de Emprego
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MB	Marinha do Brasil
MEB	Marine Expeditionary Brigade
MEF	Marine Expeditionary Force
MEU	Marine Expeditionary Unity
OEF	Operation Enduring Freedom
OIF	Operation Iraqi Freedom
OMAU	Operações Militares em Aérea Urbana
PD	Ponto Decisivo

PDN	Política de Defesa Nacional
PI	Possibilidade do Inimigo
USMC	United States Marines Corps
USA	United Estates of America

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Organização do GptOpFuzNav	52
Figura 2	- Organograma do CENTCOM	52
Figura 3	- Organograma do Componente Terrestre	53
Figura 4	- Organograma 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada	54
Figura 5	- Organograma do 1ª Divisão de Fuzileiros Navais (I MEF)	54
Figura 6	- Calco de Operação OIF (No Apêndice-A)	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	CONSIDERAÇÕES DOUTRINÁRIAS.....	10
2.1	Organização e emprego dos GptOpFuzNav	11
2.2	Estilo de condução da guerra dos GptOpFuzNav.....	12
2.3	Guerra de manobra no nível operacional.....	13
2.4	Aspectos sobre a doutrina de OMAU do CFN.....	14
2.5	A importância dos blindados nas OMAU.....	15
3	LIÇÕES APRENDIDAS DA GUERRA DO IRAQUE.....	16
3.1	Aspectos relevantes do nível político-estratégico.....	17
3.2	Aspectos relevantes do nível operacional.....	18
3.3	Esquema operacional.....	19
3.4	Funções operacionais.....	20
3.5	A estratégia operacional como interprete bilíngüe.....	24
3.6	A estratégia operacional – amálgama entre a arte e a ciência.....	25
3.7	A liderança operacional	27
4	CONCLUSÃO.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30
	APÊNDICE A – Principais Aspectos da Guerra do Iraque.....	33
	ANEXO A – Ilustrações.....	52

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo vive desafios mais complexos do que os enfrentados durante o período de confrontação ideológica bipolar. O fim da Guerra Fria, após o colapso da União Soviética, ao contrário do que pensava Fukuyama não representou o “fim da história”, mas sim reduziu o grau de previsibilidade das relações internacionais vigentes desde a 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Na verdade, renovaram-se no mundo conflitos de caráter étnico e religioso, a exacerbação de nacionalismos e a fragmentação de Estados, com um vigor, que por vezes ameaçaram a ordem mundial, fortalecendo, portanto, a teoria do “choque de civilizações” de Samuel Huntington.

O Brasil na sua Política de Defesa Nacional (PDN, 2005) considera que “as relações internacionais são pautadas por complexo jogo de atores, interesses e normas que estimulam ou limitam o poder e o prestígio das Nações”, para tanto, tem como objetivos nacionais: a projeção do país no concerto das nações e sua maior inserção em processos decisórios internacionais. Para consecução desses objetivos, a PDN (2005) orienta que o Brasil deverá manter forças estratégicas em condições de emprego imediato, para solução de conflitos, e dispor de capacidade de projeção de poder, visando a eventual participação em operações sob a égide de organismos multilaterais.

A Estratégia Nacional de Defesa (END, 2008), de forma inédita, marca uma nova era no tratamento desse tema pelo nível político, que anteriormente fazia parte apenas da agenda militar, ao reafirmar o compromisso da sociedade brasileira e de seus representantes, historicamente voltados para assuntos internos, que começam a lançar olhares para os interesses estratégicos do Brasil e para seu importante papel na comunidade internacional.

Neste contexto, a Marinha do Brasil (MB), devido às características intrínsecas do poder naval e dos princípios ligados ao direito do mar, assume papel de destaque, que lhe permite atuar em águas internacionais, nas proximidades da área em crise, e de lá permanecer por períodos prolongados, sem comprometer a soberania do país em questão e pronta para intervir, se necessário (DBM, p. 2-1). O Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), como parcela indissociável do “conjungado anfíbio”, neste aspecto, contribui para a missão da MB com o preparo e emprego dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais¹ (GptOpFuzNav) nas tarefas de projetar poder sobre terra e da dissuasão.

¹ GptOpFuzNav é, genericamente, uma organização-por-tarefas nucleada por tropa de Fuzileiros Navais, constituída para o cumprimento da missão específica e estruturada segundo o conceito organizacional de componentes, que grupa os elementos constitutivos de acordo com a natureza de suas atividades (BRASIL, 2009, p. 1-1).

A END (2008) não só consolida esse conceito, como também caracteriza o CFN como força de caráter expedicionária, atribuindo-lhe ampla gama de tarefas e amplitude geográfica de atuação.

Para assegurar sua capacidade de projeção de poder, a Marinha possuirá, ainda, meios de Fuzileiros Navais, em permanente condição de pronto emprego. A existência de tais meios é também essencial [...] para atuar em operações internacionais de paz, em operações humanitárias, **em qualquer lugar do mundo**. [...]. **O Corpo de Fuzileiros Navais consolidar-se-á como a força de caráter expedicionário por excelência.** (END, 2008, p. 21, grifo nosso)

Mas, como devemos encarar este reconhecimento atribuído a “falange aguerrida” da MB? Como um elogio ou um desafio? Nas palavras do Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, AlteEsq (FN) Álvaro Augusto Dias Monteiro, por ocasião do Bicentenário do CFN, encontramos essa resposta.

As incertezas do mundo globalizado e os crescentes interesses nacionais **não permitem acomodação**, demandando **constante acompanhamento** e conseqüentes **evoluções doutrinárias**, de modo a garantir que os **Fuzileiros Navais estejam sempre preparados para fazer face aos novos desafios** que, certamente, haveremos de enfrentar (MONTEIRO, 2008, p. 111).

Do caráter expedicionário institucionalmente reconhecido pela END e das palavras de exortação do Comandante-Geral do CFN, agora associados aos aspectos demográficos do planeta, pode-se concluir que: independentemente da tarefa atribuída e da região de emprego dos GptOpFuzNav, infelizmente, se estrategistas e demógrafos estiverem corretos, a realidade é que muitas das operações, se não todas, serão conduzidas no interior ou nos arredores de áreas urbanas.

Esta monografia, por meio da pesquisa bibliográfica e documental, tem o propósito de analisar o emprego de blindados no combate urbano a luz da arte operacional, focando sua análise nas lições aprendidas durante a fase ofensiva da Guerra do Iraque (2003). Deste modo, sua relevância, consiste em contribuir para o aperfeiçoamento da doutrina dos GptOpFuzNav, sobretudo no nível operacional de condução da guerra.

Inicialmente, são apresentadas as principais considerações doutrinárias sobre o emprego do GptOpFuzNav. Em seguida é feita uma análise no nível operacional das principais batalhas em ambiente urbano durante a Guerra do Iraque (2003), procurando-se identificar os principais ensinamentos para a doutrina do CFN.

Visando não tornar o corpo do trabalho extenso e muito menos deixar lacunas de entendimento, foram organizados dois apêndices com informações pertinentes ao tema.

2 CONSIDERAÇÕES DOCTRINÁRIAS

A análise das hipóteses de emprego das Forças Armadas - para resguardar o espaço aéreo, o território e as águas jurisdicionais brasileiras - permite dar foco mais preciso às diretrizes estratégicas. **Nenhuma análise de hipóteses de emprego pode, porém, desconsiderar as ameaças do futuro.** Por isso mesmo, as diretrizes estratégicas e as capacitações operacionais **precisam transcender o horizonte imediato que a experiência e o entendimento de hoje permitem descortinar** (END, 2008, p. 10, grifo nosso).

Para os estrategistas as cidades cada vez mais serão epicentros político, econômico, social e cultural em todo o mundo, fazendo com que o controle de grandes áreas urbanas se torne crítico para a consecução dos objetivos táticos, operacionais e estratégicos nos futuros conflitos (BRASIL, 2008b, p. 1-1).

Por sua vez, dados demográficos divulgados pela *United Nations Population Fund*² (UNFPA, 2007) indicam a tendência crescente e irreversível de concentração da população mundial em áreas urbanas, estimando o patamar de 60% para 2030. No caso brasileiro, onde os centros urbanos encontram-se, na sua maioria, na faixa litorânea, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³ (IBGE, 2005) em 2005 84,20% da população já viviam em áreas urbanas.

E, ainda, em que pese o ensinamento milenar do Mestre Sun Tzu (CLAVELL, 2006, p. 25) de que “a pior política é atacar violentamente cidades fortificadas”, ter ecoado como “dogma” militar ao longo dos séculos, a própria história se encarrega de contrariá-lo ao registrar inúmeras batalhas travadas em áreas edificadas, que por vezes representaram pontos de inflexão no curso das guerras, a exemplo de Stalingrado⁴ durante a 2ª. Guerra Mundial (1939-1945), que representou o ponto de virada da guerra no *front* leste do teatro europeu, marcando o limite da expansão alemã em território soviético.

Dada esta realidade, a aderência ao antigo preceito de Sun Tzu, embora ainda válido, torna-se cada vez mais difícil de ser perseguido. Portanto, as atualmente denominadas Operações Militares em Área Urbana (OMAU) além de não representam um fato novo na história das guerras, não só continuarão a existir como exigirão cada vez mais esforço dos GptOpFuzNav no preparo do fuzileiro naval e no aprestamento do seu material em busca do estada da arte.

² Organismo da ONU responsável por questões populacionais.

³ Disponível em: < www.ibge.gov.br/paisesat/>. Acesso em 30 jun. 2009.

⁴ Ofensiva alemã contra as forças russas pela posse da cidade de Stalingrado, às margens do rio Volga, na antiga União Soviética, entre 17 de julho de 1942 e 2 de fevereiro de 1943.

Com base no acima exposto e reforçado pela citação inicial deste capítulo - constante primeiro eixo estruturante⁵ da END (2008) - será apresentado a seguir a organização e emprego dos GptOpFuzNav, o estilo da guerra de manobra (GM) e a sua aplicação no nível operacional, os principais aspectos sobre a doutrina de OMAU do CFN e por fim a importância dos blindados nas OMAU.

2.1 Organização e emprego dos GptOpFuzNav

Os GptOpFuzNav podem ser empregados em diversos cenários, desde os relacionados às operações de “não guerra” aos de guerra generalizada, onde se necessite uma ação decisiva de caráter estratégico, consoante com as hipóteses de emprego (HE) preconizadas pelo nível político e estratégico do país. (BRASIL, 2008a, p. 3-1).

Independentemente do seu tipo, os GptOpFuzNav possuem a estrutura básica orientada pelo conceito de componentes, conforme a FIG. 01 do Anexo A- Ilustrações.

O conceito de componentes permite aliviar o comandante do GptOpFuzNav da sobrecarga resultante da complexidade das atividades de comando e controle (C²), manobra terrestre, apoio logístico e outras relacionadas ao espaço aéreo de sua responsabilidade, além da coordenação própria ao nível de Força. Possibilita, portanto, maior eficiência no cumprimento da missão, na medida em que, para cada componente existirá um comandante designado para planejar, coordenar e controlar àquelas atividades. (BRASIL, 2008a, p. 4-1).

2.2 Estilo de condução da guerra dos GptOpFuzNav

No CFN o estilo mais predominante⁶ é o da guerra de manobra, visto, que este permite o cumprimento da missão com reduzido número de perdas e menores chances de danos colaterais, aliado, ainda, à flexibilidade dada aos GptOpFuzNav de responderem a uma maior gama de tarefas, em função da menor demanda de poder de combate se comparada ao estilo da guerra de atrito.

Entretanto, o que vem a ser a Guerra de Manobra (GM)? Segundo Brasil (2008a):

⁵ O primeiro eixo estruturante diz respeito a como as Forças Armadas (FFAA) devem-se organizar e orientar para melhor desempenharem sua destinação constitucional e suas atribuições na paz e na guerra (END, 2008, p.10).

⁶ A guerra de atrito e a guerra de manobra - que não existem em suas formas puras, coexistindo, simultânea, interdependente e complementarmente, em todas as batalhas e campanhas. (BRASIL, 2008a, p. 3-1).

Este estilo busca a consecução dos efeitos desejados pela indução no inimigo do sentimento de que a resistência será inócua ou redundará em perdas inaceitáveis, **trabalhando fundamentalmente no campo psicológico**. Nele, independentemente da situação dos seus meios em pessoal e material, o inimigo é levado a ceder à vontade de seu oponente, adotando ações que lhe são desfavoráveis (2008a, p. 3-2).

No estilo da guerra de atrito, os resultados serão proporcionais ao nível de força empregada e, normalmente, mais custosos em pessoal e material, havendo também a tendência de maiores danos colaterais, bem como à população local. (BRASIL, 2008a, p. 3-2).

Para Killian (2005), a GM se aplica a todos os níveis de condução da guerra, porém apresentando características específicas em cada um deles.

No nível tático, a implementação da GM agrega grande valor ao dar impulso, ritmo e agressividade às ações a serem executadas, mas sofre restrições por está circunscrita a um tempo e espaço limitados.

Nos nível político e estratégico, a GM se materializa no axioma de Sun Tzu - a espada embandada – onde “a glória suprema consiste em quebrar a resistência do inimigo sem lutar” (CLAVELL, 2006, p. 25). Hoje, à luz dos constructos existentes pode-se dizer que a estratégia da dissuasão⁷ traduz bem este axioma.

O nível operacional - que é foco da abordagem deste trabalho - é a instância em que a GM se aplica em toda sua essência, pois no exercício da arte operacional o Comandante do Teatro de Operações (ComTO) terá que possuir intuição e julgamento superiores e, arquitetar e sincronizar as operações militares necessárias para atingir os objetivos fixados no nível estratégico com maior eficiência possível.

2.3 A guerra de manobra no nível operacional

Na avaliação de Killian (2005), no nível operacional, os fatores tempo e espaço são mais amplos e distintos quando comparados ao nível tático; suscitando o ComTO a alargar sua perspectiva além dos limites imediatos do combate, para, antecipadamente, buscar moldar os eventos visando criar as condições mais favoráveis para as futuras batalhas que decidir lutar. Segue, ainda, comparando o ComTO a um jogador de xadrez:

O comandante operacional assemelha-se a um jogador de xadrez e deve possuir a habilidade de rapidamente extrair a essência da situação, onde a mente comum não

⁷ Cabe, entretanto, ressaltar que a dissuasão não é restrita ao campo de atuação militar, mas também pode ser exercida pelos demais campos de expressão do poder nacional - político, econômico, psicossocial e científico-tecnológico.

conseguiria, ou perceberia somente após longo estudo e reflexão. **É como um jogador de xadrez: não se pode mover uma peça sem considerar as reações ou antecipações do inimigo, sejam elas prováveis ou improváveis** (KILLIAN, 2005, p. 105, grifo nosso).

Complementa que a condução da guerra no nível operacional é muito mais arte do que ciência e alerta que “não há receitas a ensinar a um futuro comandante operacional, deve-se apenas educar a sua reflexão ao longo da carreira”. Termina, enfatizando que a concepção do Plano de Campanha sintetiza toda essa arte (KILLIAN, 2005, p. 105).

As ferramentas básicas da GM - rapidez, a surpresa e a audácia – também são válidas no nível operacional. (BRASIL, 2008a, p. 3-2).

A rapidez segundo Brasil (2009) é um conceito de fundamental importância para aplicação do poder de combate de uma força, que para melhor entendimento deve ser desdobrada em dois ramos: o ritmo e a velocidade.

O primeiro é o **ritmo** das operações, ou seja, a capacidade de operar em uma frequência elevada. [...] Quanto mais elevado este ritmo, melhores são as possibilidades de manter a iniciativa. O segundo é a **velocidade** das operações, ou seja, a alta mobilidade das forças para se deslocarem. A combinação adequada de velocidade e ritmo irá proporcionar elevada rapidez às operações (BRASIL, 2009, 7-3 e 7-4).

A surpresa e a audácia, estando esta contida na primeira, são consideradas dois fatores multiplicadores do poder de combate. A surpresa poderá ser obtida por meio da **velocidade no processo decisório** (Ciclo de Boyd⁸ ou Ciclo OODA), da eficiência das **atividades de inteligência**, da originalidade, da **audácia** nas ações, da **velocidade de execução**, do **sigilo**, do **despistamento** e da **dissimulação de intenções**. Na guerra moderna, a surpresa pode ser obtida nos níveis estratégico, operacional e tático (DBM, 2004, p. 2-7, grifo nosso).

Já o **momentum** – entendido na física como sendo o produto da massa pela velocidade – corresponde ao produto da combinação da rapidez com adequada concentração de poder de combate (BRASIL, 2009, p. 7-3).

Como corolário, deve-se desencadear o ataque principal com a melhor combinação possível de rapidez e poder de combate, de forma a ser obtido maior **momentum**, gerando condições mais favoráveis às forças (BRASIL, 2009, p. 7-4).

⁸ Coronel John Boyd, ao analisar o desempenho, na Guerra da Coreia, de pilotos e aeronaves americanas frente aos norte-coreanos e chineses, concluir que quanto menor for o tempo decorrente da execução do processo decisório, maior será a vantagem sobre o inimigo, gerando um ritmo decisório intenso, acarretando a desordem e a destruição de sua coesão, em virtude da incapacidade inimiga de reagir em tempo hábil às nossas decisões. (PARANHOS *et al*, 2001, 69).

Para maximizar o poder de combate dos GptOpFuzNav devem-se usar todos os recursos necessários - apoio de fogo, a mobilidade, a proteção e a liderança - para se obter a vantagem esperada sobre o inimigo. Esta integração total dos meios disponíveis de maneira que as suas capacidades sejam complementadas e suas vulnerabilidades compensadas pelo apoio mútuo é o que se denomina “Armas Combinadas” (BRASIL, 2008a, p. 3-6).

2.4 Aspectos sobre a doutrina de OMAU do CFN

A atual doutrina de OMAU do CFN examina primordialmente o nível tático de condução da guerra e apresenta o conflito urbano essencialmente como uma série de ações de combate de pequenas frações devido ao grau de descentralização que este ambiente exige.

No nível operacional, as operações militares em um Teatro de Operações (TO) predominantemente caracterizado pelo ambiente urbano, exigem maior esforço do ComTO durante todas as fases da campanha. Com isso, os componentes da estratégia operacional devem ser criteriosamente observados e aplicados em todas essas fases para que os objetivos político-estratégicos sejam atingidos no menor tempo possível e com menores perdas de vida humana e material, priorizando, ainda, a integridade da população local e da infraestrutura de sua cidade.

No que diz respeito ao emprego de blindados no combate urbano, observa-se, que pelas características deste ambiente operacional, normalmente, recomenda-se o emprego da infantaria desembarcada, progredindo à frente e próximo aos blindados, a fim de prover-lhes segurança contra armas anticarro (BRASIL, 2008b, p. 7-3 e 2008a, p. 6-12).

As operações militares em área urbana são normalmente conduzidas pela **infantaria desembarcada**, que precedem, normalmente, viaturas blindadas que as seguem à curta distância para proporcionarem apoio à tropa. Os carros de combate e as viaturas blindadas seguem a tropa para prestar apoio de fogo direto (BRASIL, 2008a, p. 7-3).

A primeira vista, pode-se observar que a atual doutrina de OMAU foi bastante influenciada pelas experiências históricas dos combates urbanos da II GM, com destaque para a Batalha de Stalingrado (1942), e pela Batalha de *Grosny* (1994) durante a intervenção russa na República da Chechênia (1994-1995).

Como bem observou William Craig⁹ (1973, *apud* USA, 2002) várias lições emergiram da bem sucedida defesa de Stalingrado, mas dentre todas merecem destaque as

⁹ Autor de “Enemy at the Gates: The Battle for Stalingrad, 1973”.

implicações estratégicas e operacionais dessa batalha. O emassamento das forças alemãs, lançadas em ondas sucessivas, por longo período, sobre Stalingrado não surtiu o efeito esperado. Pelo contrário favoreceu o Exército russo, ao dar-lhe tempo (fator tempo-oportunidade) para reorganizar e mobilizar (fator força intangível: vontade de lutar e qualidade da liderança) suas forças e lançar uma poderosa contra-ofensiva. Operacionalmente, a derrota alemã resultou na perda do VI Exército de aproximadamente 300.000 homens. Estrategicamente, as conseqüências foram ainda mais devastadoras: os campos petrolíferos do Cáucaso na foram conquistados; outros Corpos de Exército que operavam no sul se retiraram para o norte para fazer frente a ofensiva soviética; Hitler fez grandes mudanças no seu Estado-Maior e se distanciou da liderança militar; e a confiança do poderoso Exército Alemão e do próprio povo foram abaladas.

Para McNeilly (2004, p. 118, grifo nosso), a combinação do conhecimento sobre o inimigo, sobre o terreno e, as condições climáticas e meteorológicas “irão proporcionar uma **introvisão da estratégia a ser aplicada**”. Neste sentido, severas condições climáticas pesaram negativamente na estratégia da *Blitzkrieg* alemã para conquistar a cidade de Stalin, reduzindo sua mobilidade, criando problemas logísticos e provocando grandes perdas em material e pessoal.

No nível operacional as “circunstâncias governam o tempo-oportunidade na execução ou postergação de alguma ação” (BRASIL, 2009, p. 2-4) e ressalta que a **logística operacional** é um elemento crítico do poder de combate, sem a qual, uma campanha alcançará seu ponto culminante (BRASIL, 2009, p. 3-7).

Na segunda experiência russa, na Batalha *de Grosny*, a vitória pelos rebeldes chechenos durante a noite de ano novo de 1994 foi atribuída ao conhecimento da cidade e o envolvimento da população na resistência, que infligiu tantas baixas ao inimigo que os líderes políticos russos foram pressionados a sustar a ofensiva (BRASIL, 2008b, p. 1-6). Sendo por isso, considerada um importante exemplo de operação em larga escala de combate urbano, que foi caracterizado pelo emprego de uma força fortemente blindada de grande tecnologia, engajando uma força irregular de pequeno efetivo e tecnologicamente inferior.

Segundo Geibel (1995, p. 33) a invasão da Chechênia foi caracterizada por uma confusão generalizada desde seu princípio. A começar pela decisão de invasão no nível político e estratégico. O jornal russo *Izvestia* (*apud* Geibel, 1995, p. 36) publicou que o Ministro da Defesa e o Vice Primeiro-Ministro estavam “bêbados” quando ordenaram o ataque a *Grosny*, oferecendo ao primeiro esquadrão que entrasse no Palácio checheno a

medalha de bravura russa.

No nível operacional, o desenho ou esquema¹⁰, que parecia simples, por prever, simultaneamente, o emprego de duas forças - pára-quedista e infantaria mecanizada - finalizando com uma operação de junção entre elas, acabou se complicando por falta de C² e sincronização operacional¹¹. Por uma simples falha na estrutura de C², as unidades aéreas e pára-quedistas não tomaram ciência de que participariam da invasão a *Grosny*. Geibel (1995) relata a frustração das reduzidas tropas de infantaria e blindados durante o combate: “os comandantes da infantaria e dos blindados pensaram que suas forças combateriam através das posições rebeldes e, em seguida, fariam a junção com as posições dos pára-quedistas”.

O fator força foi baseado na quantidade (elemento tangível) e não na qualidade (elemento intangível) das forças oponentes. Como apontado por Geibel (1995, p. 33, grifo nosso): “aquele não era o **Exército devotado** do período **da Guerra Fria**, e tampouco se compunha de **unidades calejadas dos campos de batalha do Afeganistão**”. Explica ele, que as forças que combateram em *Grosny* tiveram suas fileiras preenchidas por conscritos, a maioria sem motivação e adestramento adequado. Por outro lado, os rebeldes, na sua maioria, ex-militares do Exército soviético durante a guerra fria, conheciam bem as táticas russas que iriam enfrentar. Em apenas um dia as perdas da 131ª Brigada Infantaria Mecanizada russa, totalizavam 20 dos 26 CC, 100 das 120 VtrBld, e a metade de seu contingente de 1000 soldados entre mortos, feridos, ou desaparecidos em ação (GEIBEL, 1995, p. 39).

Portanto, à derrota russa pode ser atribuída em grande parte ao níveis político, estratégico e operacional do que ao nível tático. “A estratégia provê um arcabouço para o planejamento operacional, que por sua vez deve ser detalhado para que a ação militar tenha êxito (BRASIL, 2009, p. 7-1).

2.5 A importância dos blindados nas OMAU

O desenvolvimento dos combates em ambiente urbano torna muito difícil a identificação do inimigo, que muitas vezes permeados na população civil se favorece para causar grande número de baixas na força atacante, que para se defender ao revidar pode

¹⁰ A idéia, desenho ou esquema operacional, para ter êxito, deve apresentar de forma clara e concisa a visão do Comandante sobre o que ele intenciona fazer e como ele pensa conquistar o Objetivo Operacional ou Estratégico designado (BRASIL, 2009, p. 7-2).

¹¹ Sincronização operacional é a coordenação das ações militares em conformidade com o tempo, espaço e propósito para produzir o máximo poder relativo de combate no lugar e momento decisivos (BRASIL, 2009, p. 7-5).

causar indesejáveis danos colaterais - objeto da DICA. Associando a isso, a crescente presença da mídia internacional capaz de influenciar na opinião pública, faz com que a liberdade de ação diminua consideravelmente, colocando por vezes em risco as nossas próprias tropas.

Portanto, a assimetria do combate urbano aliada à pequena distância entre as forças envolvidas restringe o apoio de fogo prestado pelos meios de artilharia, aéreos e navais. Justificando com isso, o emprego de meios blindados neste tipo de operação, que apesar das limitações impostas por esse ambiente, possuem grande poder dissuasório, capaz de resolver com maior rapidez os problemas apresentados no interior das cidades.

Sun Tzu mais uma vez corrobora com esse pensamento ao priorizar a busca pela vitória com rapidez e sem causar grandes danos, quando ensina:

Um chefe que está bem instruído em operações militares faz com que o inimigo se renda sem lutar, **captura as cidades do inimigo sem atacá-las violentamente, e destrói o Estado do inimigo sem operações militares demoradas** (CLAVELL, 2006, p. 26, grifo nosso).

Bahiense (1999), baseado na experiência acumulada em combate urbano pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA (USMC), destaca dentre outras considerações táticas apontadas pelo USMC, que as VtrBld e os CC exercem papel de grande importância no combate urbano, em que pese sua restrita mobilidade nesse ambiente.

Em três quartos das batalhas modernas, os CC foram o mais importante apoio que dispôs a Infantaria. Eles são indicados para uso contra posições fortificadas, assim como, inclusive, para abrir brechas em estruturas de concreto e de aço, de acordo com a nova doutrina norte-americana (BAHIENSE, 1999, p. 45).

Os conflitos armados do início do século XXI mantêm e reafirmam esta perspectiva, onde binômio blindado-infantaria foi amplamente explorado, trazendo importantes reflexos tanto para o campo doutrinário como para o tecnológico desse poderoso emprego conjugado de tropas de diferentes naturezas.

3 LIÇÕES APRENDIDAS DA GUERRA DO IRAQUE

A Guerra do Iraque (2003) pode ser considerada um excelente laboratório de aprendizado em todos os níveis de condução da guerra. Por isso, apesar do enfoque operacional, quando julgado oportuno e valioso serão mencionados ensinamentos referentes aos demais níveis. Para facilitar o entendimento e não tornar o trabalho muito extenso os principais aspectos da fase ofensiva da Guerra do Iraque constam do Apêndice B – Principais Aspectos da Guerra do Iraque.

3.1 Aspectos relevantes do nível político-estratégico

A decisão no nível político do EUA, de levar a cabo a guerra contra o Iraque, surgiu em 2001, quando o Presidente George W. Bush pediu ao Secretário de Defesa Douglas Rumsfeld para desenvolver um plano para a remoção do regime no Iraque. Rumsfeld, de imediato, deu essa atribuição ao comandante do Comando¹² Central (CENTCOM), General Tommy Franks. Contudo, a intenção do governo dos EUA só foi oficialmente divulgada em 17 de março de 2003, quando o Presidente Bush deu um ultimato a Saddam Hussein e a seus filhos para deixarem o Iraque dentro de 48 horas. "Sua recusa em fazê-lo", disse ele, "resultaria em um conflito militar." (DALE, 2008, p. 8)

Como Clausewitz bem aponta em sua obra, *Da Guerra*, "Ninguém começa uma guerra, ou melhor, ninguém em sã consciência deveria fazê-lo, sem primeiro ter claro em sua mente o que pretende alcançar com esta guerra e como pretende conduzi-la." (*apud* DALE, 2008, p. 8, tradução nossa).

A decisão tomada por Bush no nível político não foi clara o suficiente para que os demais níveis e expressões do poder nacional identificassem seus respectivos objetivos estratégicos e responsabilidades, principalmente na fase do pós-conflito que exigiria grande esforço conjunto entre as agências civis do governo e as tropas desdobradas no Iraque.

3.2 Aspectos relevantes do nível operacional

O ponto de partida para o planejamento foi o “plano de prateleira 1003-98”, que

¹² O sistema de Comando Conjunto, concebido na era Reagan (1981-1988), foi elaborado para que se pudesse deslocar forças conjuntas em ação unificada, em qualquer teatro de operações fora dos EUA, sob um único comandante com autoridade sobre as três forças componentes (KEEGAN, 2005, p. 166).

tinha sido desenvolvido e refinado durante a década de 1990. Esse plano contemplava uma força entre 400.000 e 500.000 soldados, incluindo três do Corpo de Exército (ou equivalentes), com um longo cronograma para a mobilização e desdobramento das forças.

Esse plano passou por três modificações até atingir sua versão final, fruto das ingerências, quase que constantes, do nível estratégico na figura do próprio Secretário Rumsfeld. A sua nova visão de emprego militar tinha por premissa a Estratégia de Segurança Nacional de 2002, dizia ele "as ameaças e inimigos que devemos enfrentar mudaram, e da mesma maneira nossa força tem que mudar". Ele explicou o seu significado "a transição de uma estrutura militar organizada para dissuadir o Exército da Guerra Fria, para uma força mais enxuta e ágil". Para os estrategistas militares, a orientação para usar uma força enxuta e ágil refletiu como uma mudança radical, em direção contrária a Doutrina Powell, que se sagrou vitoriosa na Guerra do Golfo de 1991, que em resumo dizia "a força, se utilizada, deve ser superior a do oponente" (*apud* DALE, 2008, p. 10).

O Plano *Generated Start*, já modificado, foi apresentado pelo General Franks em janeiro de 2003, durante a conferência dos Comandantes de Componente do CENTCOM, em Tampa. O plano apresentava uma campanha aérea inicial de curta duração. Seguida de uma campanha terrestre, que contaria com o V Corpo do Exército e a *Marine Expeditionary Force* (I MEF), com suas unidades de vanguarda cruzando a fronteira entre Kuwait e o Iraque, enquanto as forças adicionais continuariam a fluir para dentro do TO. Enquanto isso, a 4ª Divisão de Infantaria Mecanizada (4ª DivInfMec) abriria uma frente norte ao entrar pela Turquia. Porém, o que ainda não estava decidido era o número de tropas com que iria começar a campanha. Com certeza seria aquém do esperado.

O Comandante do V Corpo, o General William Scott Wallace, após o final da fase ofensiva refletiu: "Eu acho que o Verão [chegou] eu não estava muito confortável com os níveis de tropas" (DALE, 2008, p. 10).

3.3 Esquema operacional

Pela própria idéia de manobra do Gen Franks verifica-se que o ComTO tinha a clara visão da campanha - identificação do CG inimigo, despistamento, faseamento, ritmo e velocidade adequados a concentração de poder de combate com seqüência de eventos e sincronização da campanha no tempo e no espaço desejados.

As operações foram planejadas nos mínimos detalhes, tendo como um dos

elementos-chave o preparo do reabastecimento das tropas. O avanço das duas grandes unidades fortemente blindadas baseou-se no princípio da maior velocidade possível, afastando qualquer resistência e parando somente quando fosse absolutamente necessário, porém fazendo pausas a intervalos regulares, de um a dois dias, para ressuprimento e reabastecimento.

3.4 Funções operacionais

Comando e controle operacional - O sistema de C² do CENTCOM, sob o comando do General de Exército Norman Schwarzkof, fora testado e aprovado pela primeira vez na Guerra do Golfo (1990-1991). Schwarzkof, general de forte personalidade, exercia sua autoridade diretamente sobre as forças componentes, dando pouca atenção a “sensibilidades pessoais” dos representantes das forças co-irmãs.

Para a Guerra do Iraque de 2003, o CENTCOM estava sob o comando do General de Exército Tommas Franks, que por seu caráter, menos autoritário e mais ponderado, e por ser ao mesmo tempo responsável pelas operações em curso no Afeganistão¹³, não pôde controlar diretamente os combates em terra, decidindo delegar autoridade ao Comandante do III Exército de Campanha, Tenente-General David McKiernan, Comandante do Componente Terrestre da Coalizão (ComCTe). A cadeia de comando do CENTCOM e a organização do Componente de Terrestre constam das FIG 02 e 03 do Anexo A - Ilustrações.

O diálogo entre Douglas Rumsfeld e o General Franks, abaixo reproduzido por Cidade (2009), relata a orientação inicial do nível estratégico ao operacional:

Nós temos interesse em promover a estabilização, sob a égide americana, no Oriente Médio. Para tanto, devemos remover Saddam e toda sua estrutura de poder no Iraque. [...] Trabalhe com o seguinte cenário:

- **países hostis: Irã e Síria**
- **neutro: Turquia**
- **confiáveis: Israel, Kuwait, Arábia Saudita e Jordânia**

É nossa intenção que a **estrutura econômica iraquiana seja preservada**, bem como as **baixas devem ser reduzidas**. A tolerância dos americanos à guerra não pode ser mantida durante muito tempo. **A guerra deverá durar poucas semanas.**

Ah! General é muito importante que Saddam não ataque Israel. A guerra será conduzida no primeiro semestre de 2003 (CIDADE, 2009, grifo nosso).

A neutralidade da Turquia surgia como um fator político a ser considerado, pois plano em vigor colocava grande ênfase no apoio turco para uso do seu espaço aéreo e

¹³ Operation Enduring Freedom (OEF) desencadeada em outubro de 2001 contra o regime Talibã do Afeganistão que apoiava a rede Al-Qaeda.

território, permitindo pressionar o Iraque, simultaneamente, em dois *fronts*, pelo norte vindo da Turquia e pelo sul através do Kuwait, que já havia dado sinal verde a Washington.

Apostando no sucesso de seu esforço diplomático, os EUA deslocaram, antecipadamente, por mar, a 4ª DivInfMec para a região do Mar Mediterrâneo. Em 1º de março de 2003, a solicitação foi rejeitada pelo parlamento turco que colocou a afinidade religiosa acima da associação política histórica - apoio dos EUA ao movimento anticomunista a posição favorável ao ingresso na União Européia.

A não concretização da hipótese básica (HB) levantada durante o processo de planejamento levou a necessidade de ativação do plano contingente, que em resumo era baseado no maior esforço aéreo para inserção de tropas pára-quedistas e aerotransportadas na região norte do Iraque e na utilização de métodos subversivos para convencer Saddam de que os turcos, ainda, poderiam apoiar a abertura do *front* norte. O que funcionou como um **despistamento operacional**, ao menos em parte, pois Saddam decidiu por manter a presença de suas forças regulares na região do Curdistão, que de certa forma teve efeito semelhante, ao esperado pelo desdobramento da 4ª DivInfMec, conforme planejado (KEEGAN, 2005, p. 176).

Imediatamente, a célula de operações futuras do CENTCOM teve que planejar a invasão do Iraque por um único *front*, a partir do Kuwait, conforme o conceito sumário abaixo apresentado:

A 1ª Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais (IMEF) e a 3ª Divisão de Infantaria [Mecanizada], puderam ser posicionados [no Kuwait] de modo a entrar no Iraque cruzando diretamente a fronteira Iraque-Kuwait, o mesmo ocorrendo com a maior parte das tropas britânicas. A outra parte, a 3ª Brigada de Comandos britânica, viria por mar, através do golfo, desembarcando na Península de Fao, ao sul de Bagdá, juntamente com tropas norte-americanas, preparadas para tomar o porto de Umm Qasr e capturar os ricos campos petrolíferos de Rumalaia, antes que fossem incendiados. O contingente britânico, incluindo elementos pesados [CC e Infantaria Mecanizada] e ligeiros [Operações Especiais e Infantaria Leve], avançaria então para tomar Basra, segunda maior cidade do Iraque, enquanto os fuzileiros navais [IMEF] e a 3ª Divisão Mecanizada seriam deslocados para o norte a fim de derrotar o Exército iraquiano e tomar a capital, Bagdá (KEEGAN, 2005, p. 176).

Inteligência operacional - “Os esforços de inteligência em um possível TO devem ser altamente centralizados e também serem conduzidos continuamente, tanto em tempo de paz como de guerra” (BRASIL, 2009, p. 3-5).

A própria distribuição geográfica de comandos combinados dos EUA permanentemente ativados por todo o globo, por si só já cria uma condição favorável para o esforço de inteligência. No caso em questão, além de ser a região do oriente médio de responsabilidade do CENTCOM, ficou latente a preocupação do ComTO de enviar o quanto antes equipes da CIA, para atuar em proveito das forças de operações especiais que seriam infiltradas para o cumprimento de tarefas ligadas diretamente ao efeito desejado estratégico de proteção do Estado de Israel – base de mísseis *scud* – dentre outras.

Ao analisar e tirar conclusões consolidadas sobre os aspectos relevantes da área de operações e da comparação dos poderes combatentes, que permitiram identificar os fatores de força e de fraqueza para o cumprimento da missão. Como resume Keegan (2005):

O Iraque não é apenas um país difícil de ser invadido pelo sul, devido à estreita porta de entrada, mais também é um país difícil de conquistar, em razão da distância entre a porta de entrada e Bagdá [centro de gravidade], **mais de 300 milhas ao norte** [grandes distâncias envolvidas]. [...] também há o problema da geografia. **O Iraque – ou Mesopotâmia, a terra entre os rios** – é cercado e defendido pelas águas do **Eufrates** e do **Tigre, que se juntam em Basra**, formando o estuário Shatt El-Arab. Os rios são tortuosos, espalhando-se pela planície alagada e recebendo afluentes, de modo que qualquer invasor que se dirija para norte enfrentará a **necessidade de capturar pontes** [pontos críticos], **se quiser avançar, ou de construir pontes, se as originais tiverem sido destruídas**. As duas estradas em direção ao norte, as rodovias 1 e 7, seguem, respectivamente, o curso do Eufrates e do Tigre, mas as forças invasoras precisam também **controlar as interconexões** [pontos críticos], rodovias 17 e 27, e outras estradas paralelas, como as rodovias 8 e 9. O território é praticamente todo plano; entre Bagdá e Basra, há um declive de apenas 34 metros em 338 km. **A planície entre os rios teoricamente permite ganhar velocidade** [fator de força], mas também expõe as forças de invasão à artilharia defensiva de longo alcance [fator de fraqueza], sempre que uma área cercada impede o avanço das tropas (KEEGAN, 2005, p. 176-177).

Pode-se concluir, que para atingir Bagdá, devido aspectos relevantes da área de operações e da comparação de poderes combatentes uma tropa fortemente blindada seria necessária, face suas características de grande mobilidade, poder de fogo, blindagem e ação de choque, que permitiriam explorar a rapidez, a surpresa e a audácia que representam as ferramentas básicas do estilo da guerra de manobra.

Como falha, por não terem observado o TO com os olhos do inimigo, a inteligência não levantou o efeito das condições climáticas e meteorológicas - tempestade de areia *shamal*¹⁴ - sobre nossas forças e a possibilidade do inimigo (PI) de atuar com guerrilheiros *fedayins* nos pontos decisivos, como Nasiriyah, Karbala e a própria capital Bagdá. A primeira conjugada com PI de atuar em Nasiriyah trouxe a FT Tarawa a enfrentar o primeiro combate de grande intensidade com perdas humana e material até então não

¹⁴ Tempestade de pó de areia misturada com sedimentos de aluvião trazidos pelo vento da região central do Iraque durante a primavera.

experimentadas.

Proteção operacional e fogos operacionais - O General Franks com a análise e combinação corretas dos fatores operacionais – espaço, tempo e força - se opôs a idéia de uma campanha aérea, nos moldes da Guerra do Golfo de 1991, proposta pelo Componente Aéreo com o propósito de garantir a rapidez do avanço por terra. Após a análise, ele decidiu que a estratégia a ser adotada compreenderia uma rápida campanha aérea, cronometrada para coincidir com o início do ataque terrestre para se explorar a surpresa deste.

O fator espaço combinado com fator força (elemento intangível – opinião pública). Na campanha aérea 1991 o efeito dos ataques aéreos foi ampliado pela concentração de tropas iraquianas em áreas confinadas. Em 2003, este não era o cenário apresentado, as forças iraquianas estavam amplamente dispersas e próximas ou no interior das localidades, aumentando o risco de danos colaterais aos alvos civis, que teriam reflexos negativos junto à opinião pública internacional.

O fator tempo-oportunidade combinado com fator força (elemento intangível - opinião pública e vontade de lutar). Uma longa campanha aérea, antecedendo as ações terrestres, daria a Saddam a vantagem de usar o tempo em seu favor, para mobilizar a opinião pública dos países árabes e sabotar seus próprios poços de petróleo para inundar o golfo pérsico e causar um desastre ecológico de impacto internacional. Combinada ao fator força (elemento intangível - vontade de lutar), daria a Saddam tanto a oportunidade quanto o motivo para usar as “supostas” armas de destruição em massa (ADM) contra as tropas terrestres aglomeradas na área do pequeno Kuwait, além de ter efeito oposto, podendo colocar o Exército Iraquiano em alerta e provocar respostas mais intensas por parte dos seus soldados, tornando a operação em terra mais difícil, em vez de facilitá-la. Assim, o Gen Franks não só protegeu seu centro de gravidade (tropas do CTe) como também preservou a capacidade de combate – sobrevivência e efetividade – das forças desdobradas no TO.

Logística operacional – inicialmente, se pensava que o problema logístico se resumia falta de suprimentos que atingiu a 3ª DivInfMec, mas que poderia ser corrigido por ser tratar de um erro de planejamento – erro humano. Mas na verdade, a *shamal*, como fator climático e meteorológico, agravou mais ainda a situação de reabastecimento das tropas. A saúde dos soldados também foi afetada pela *shamal* causando epidemia de tosse e expectoração com sintomas de febre baixa de longa duração. Os equipamentos também sofreram os efeitos da *shamal*, máquinas emperravam e os dispositivos de visão noturna perderam sua eficiência.

Na opinião de Dias (2003) muitos problemas logísticos da OIF foram devidos a uma falta de sincronização dos processos de logística que inclui muitas organizações e várias fontes de sustentação de cargas que se deslocam através uma rede de distribuição sem gerenciamento global. Ele reforça sua opinião citando o Prof. Milan Vego "A logística é uma das mais importantes funções operacionais de uma grande campanha. Seu objetivo final é estender o alcance operacional das nossas forças a fim de impedir o adversário de estender o alcance operacional de suas próprias forças" (*apud* DIAS, 2003, p,7).

Na avaliação de Keegan (2005), as operações logísticas seriam quase tanto quanto o poder de fogo ou o apoio aéreo, o segredo da vitória rápida da coalizão sobre as forças de Saddam, corroborando com a doutrina Rumsfeld que norteou todo o planejamento estratégico e operacional da OIF.

3.5 A estratégia operacional como interprete bilíngüe

Segundo o Alte Pertusio (*apud* BRASIL, 2009, p. 1-2) a estratégia operacional “é a interface que dialoga com o nível superior, o estratégico, ao qual está subordinado, e com o nível inferior, o tático, que lhe é subordinado”. Para tanto o ComTO constituir-se-á num interprete bilíngüe.

Esta interface perfeita se materializou nos primeiros dias da ofensiva- 20 e 21 de março – quando o comandante da Companhia CHARLIE (Cia “C”) do 1/7 RCT, que realizava o esforço principal, apesar da presença de 12 CC T-54 e outras VtrBld inimigas de fabricação soviética, bem posicionados no terreno, determinou que suas frações parassem e desligassem os motores de seus blindados, enquanto realizava uma criteriosa análise da situação. Tudo que ele conseguia ouvir eram alguns gritos e tudo que conseguia ver eram operários civis perambulando no interior da estação de bombeamento. Fruto dessa criteriosa avaliação não houve o confronto direto. As guarnições, que na verdade, não estavam operando os blindados iraquianos, saíram de seus esconderijos e se renderam aos fuzileiros navais. A Cia “C” prosseguiu no cumprimento de sua missão ocupando o objetivo - os campos petrolíferos de Rumalaia¹⁵, pois era vital conseguir tomar as usinas de separação de gás e de petróleo e a estação de bombeamento intacta, já que a reconstrução do Iraque no pós-guerra dependeria da receita de US\$ 40 milhões por dia gerado por esses campos.

¹⁵ 3º Campo petrolífero mais rico depois dos grandes campos de Kirkuk-Mosul na região do Curdistão (KEEGAN, 2005, p. 183).

Neste caso, o perfeito entendimento do comandante da Cia “C” de que sua tarefa em última análise contribui para o atendimento do efeito desejado mais amplo da missão, foi crucial para se evitar o combate prematuro. Torna-se, portanto, imprescindível, que a situação final desejada - *endstate* - esteja claramente definida na diretiva.

No contexto de uma OMAU, esta preocupação cresce ainda mais de importância, face às peculiaridades deste ambiente operacional, que exigem a descentralização das ações, dificultam o exercício do C², e aumentam a possibilidade de danos colaterais. A doutrina de OMAU do CFN afirma que: “nenhum tipo de confronto depende tanto do desempenho individual do combatente quanto o combate em área urbanizada” (BRASIL, 2008b, p. 1-2).

Observa-se também, não só pela forma de manobra escolhida - envolvimento “tipo pinça” - para se atingir o CG inimigo (Guarda Republicana) em Bagdá, como também pelo esforço de inteligência, e ainda, pela rapidez nas ações, que o ComTO optou pelo estilo da guerra de manobra, ou seja, visando atingir o componente psíquico do inimigo, do que a sua própria destruição. Keegan (2005) relata que ocorreram duas ondas de deserção estimulada pelo serviço secreto dos EUA junto ao comandante da 51ª Divisão iraquiana.

A primeira onda [...] fora desencadeada pelo **medo do ataque aéreo** das forças da colaliziaõ [...]. A segunda onda, [que] envolveu os mais destemidos, **começou quando se ouviram os carros de combate norte-americanos aproximar-se. Os soldados iraquianos, residentes locais, simplesmente largaram as armas, despiram os uniformes e correram para casa.** (KEEGAN, 2005, p. 185, grifo nosso)

Segundo Brasil (2008c, p. 2-1): “a ação de choque é combinação de poder de fogo, mobilidade e blindagem, empregados agressivamente, [que] produzem um violento impacto físico e psicológico no inimigo”.

Atualmente, devida alta tecnologia presente nos blindados (sistemas de estabilização e direção de tiro, variedade de munições e armamentos, sistema de C² digital) a ação de choque passou a ser a “sinergia” e não mais apenas a combinação daqueles três fatores. Portanto, ao planejar o emprego de blindados em uma operação, assim como durante o controle das ação em curso, o comandante deve buscar explorar, criteriosamente, ao máximo as características dos blindados de forma a garantir o maior *momentum* na ação no objetivo.

3.6 A estratégia operacional – amálgama entre a arte e a ciência

O Gen Conway resume bem a situação enfrentada pelos fuzileiros em Nasiriyah,

“inúmeras coisas parecem ter nos atingindo quase ao mesmo tempo, o que quebrou o ritmo da IMEF” (DALE, 2008, p. 21). Por coincidência ou não, foi em Nasiriyah que as tropas estadunidenses tiveram seus piores momentos. Não atentar para os componentes da arte operacional levou a confusão, e confusão foi o que ocorreu. Por esses e outros motivos esta batalha é bastante rica em ensinamentos em todos os níveis de condução da guerra

Primeiro, a **proteção operacional** foi perdida quando as três grandes unidades – 3ª DivInfMec, I MEF e FT Tarawa – convergiram para a região de Nasiriyah, a onde seus blindados se misturaram. Para completar o caos, ao cair da noite e em meio aos redemoinhos de poeira, uma unidade de suprimentos da 3ª DivInfMec, a 507ª Companhia de Manutenção¹⁶, errou de direção, entrou em Nasiriyah e foi emboscada pelos *fedayins* (KEEGAN, 2005, p. 187).

Em seguida, o **comando e controle operacional**. Como resposta ao ataque à 507ª Cia, a FT Tarawa, designou uma unidade de fuzileiros apoiada por CC e CLANF para resgatar os sobreviventes. Logo a unidade se envolveu num intenso combate urbano, que prejudicaram o seu avanço e isolaram suas companhias. Logo surgiram mais *fedayins*, que com suas armas automáticas e RPG mataram vários soldados e feriam outros tantos, além de destruírem vários blindados. O quadro, ainda, ficou mais caótico, durante a confusão de remoção de feridos e a retirada sob fogo inimigo, uma aeronave A-10 da coalizão desencadeou um ataque ao solo que atingiu as tropas amigas, matando doze fuzileiros navais. Somente com a chegada dos CC Abrams da Cia “A”, o tiroteio abrandou.

Nasiriyah por seus intensos combates, na maioria em áreas de emboscada, ficou conhecida pelos fuzileiros navais como *Ambush Alley* (Alameda da Emboscada). Foram 5 horas de intensos combates. Para Keegan (2005) a batalha de Nasiriyah foi um catálogo de erros:

Aquele fora um dia terrível para o 1/2, um episódio de desorganização militar dos piores possíveis. [...] não havia como dar crédito aos iraquianos pelo sucesso. A resistência não fora planejada ou coordenada. Eles haviam simplesmente tirado vantagem da ignorância do inimigo [norte-americano] sobre a geografia local e de escolhas de caminhos errados (KEEGAN, 2005, p. 189).

A cidade de Nasiriyah representava um importante ponto decisivo - acidente capital¹⁷ no nível tático - para ambos os contendores, pois sua posse permitiria controlar os

¹⁶ Como resultado: nove mortos e seis capturados, dentre estes estava a soldado Jessica Lynch, que foi notícia na mídia internacional por ter sido, involuntariamente, considerada heroína da Guerra do Iraque.

¹⁷ Acidente Capital: qualquer acidente de terreno ou área cuja conquista, manutenção ou controle proporcione acentuada vantagem a qualquer das forças oponentes (BRASIL, 2007, p. 18).

pontos de passagem sobre o Eufrates. O planejado era a FT Tarawa capturar as pontes e abrir um corredor na localidade para garantir o prosseguimento com segurança da I MEF em direção a Bagdá.

Por essa importância, Nasiriyah havia sido escolhida também pelo partido Baath e pelas várias milícias de Saddam como uma boa região para estabelecer a resistência com os guerrilheiros *fedayins*¹⁸, que com eles trouxeram o seu *kit* básico para o combate irregular em ambiente urbano: fuzis de assalto Kalasshnikov, explosivos e lançadores de granadas do tipo RPG-7 (*Rocket Propelled Grenade*).

O Gen Wallace, diante dos acontecimentos, em tom de surpresa disse: “**Este não é o inimigo que estudamos durante o confronto!**” (2003, *apud* DALE, 2008, grifo nosso).

Segundo Sun Tzu, um dos pilares em que se baseia a guerra, tanto na preparação, quanto no combate contra o inimigo, é o emprego da inteligência, reportada, em 500 a.C. Como puderam, então, os EUA constantemente envolvidos em conflitos militares negligenciarem um ensinamento milenar de Sun Tzu que traduz a imperiosa necessidade da inteligência.

Se conhecemos o inimigo e a nós mesmos, não precisamos temer o resultado de uma centena de combates. **Se nos conhecemos, mas não ao inimigo, para cada vitória sofreremos uma derrota.** Se não nos conhecemos nem ao inimigo, sucumbiremos em todas as batalhas (CLAVELL, 2006, p.28).

Do ponto de vista operacional, considerando Nasiriyah como um ponto decisivo, a **inteligência operacional** falhou no levantamento dos aspectos da área de operações e da situação do inimigo, subestimando as possibilidades do mesmo. A proteção, a seqüência e a sincronização também falharam ao permitir grande concentração de tropas – alvo compensador - que se bem avaliado pelo oponente poderia ser explorado como ponto culminante em seu favor.

3.7 A liderança operacional

A perspectiva maior no nível operacional requer uma **visão mais ampla e de maior alcance** para uma tomada de decisões mais criativa que a requerida aos Comandantes táticos. Assim, a **liderança operacional** compreende as **ações dos comandantes militares** que estão incumbidos em conquistar os objetivos atribuídos pela liderança militar estratégica (BRASIL, 2009, p. 9-1, grifo nosso).

Antes de prosseguir, vamos lembrar o que dizia Clausewitz acerca da guerra. A

¹⁸ Fedayins: o mesmo que “mártires”. Tropa irregular iraquiana que recebeu essa denominação em alusão aos combatentes islâmicos que se opuseram ao Exército soviético no Afeganistão (KEEGAN, 2005, p. 164)

guerra é a província da incerteza e do acaso decorrente tanto da ação deliberada do inimigo, quanto da imprevisibilidade dos próprios elementos que formam o ambiente. Continua, ainda, a guerra é extremamente sensível a um sem-número de fatores - acidentes, clima, mal-entendidos, simples confusão, nascidos do simples acaso (BRASIL, 2006, p. 3-25).

Na Guerra do Iraque não poderia ser diferente. Após sobrepujar o inimigo em Nasiriyah, outros dois fatores entraram em jogo para reduzir a impulsão do avanço da coalizão: a confusão logística e as condições climáticas e meteorológicas.

Apesar da *shamal*, a I MEF com seus três regimentos continuou sua progressão com destino a Bagdá, enquanto a 3ª DivInfMec, elemento principal de manobra do V Corpo, otimizando ao máximo seus recursos durante o prosseguimento em direção a Karbala, decidiu por uma pausa para ressuprimento e reabastecimento. Estava criado um impasse!

O Gen McKiernan, além da autoridade de ComCTe, sabia que tinha também a autoridade ComTO delegada pelo Gen Franks (CENTCOM), portanto, era consciente da grande responsabilidade que estava sobre seus ombros. Logo, é natural, concluir, que ele tinha a visão macro da campanha, na qual seu desenho operacional inicial previa o ataque simultâneo das duas forças blindadas sobre a capital Bagdá, ressaltando como um dos elementos-chave para a vitória o preparo do reabastecimento. Portanto, para atender a simultaneidade das ações a fim de desestabilizar o CG iraquiano (Guarda Republicana), seria condição *sine qua non* uma pausa na progressão das duas forças blindadas a ele subordinada - I MEF e V Corpo. Neste contexto, McKiernan decidiu exercer sua liderança operacional influenciando os comandantes do V Corpo e I MEF a trabalharem em prol do objetivo comum.

Em 27 de março, no posto de comando (PC) da IMEF, foi definida uma pausa de três a quatro dias de duração, em conjunto pelos Gen Conway (I MEF), Gen Wallace (V Corpo) e Gen McKiernan (ComCTe), para que não fosse atingido o ponto culminante de Clausewitz - *kulminationspunkt* - para que a 3ª DivInfMec recuperasse sua capacidade de combate, visando explorar o maior *momentum* com as duas forças blindadas avançado juntas sobre Bagdá.

No ponto de vista deste autor, o local escolhido - PC da I MEF - para a reunião foi tempestivamente pensado por McKiernan para criar um clima mais propício para a decisão conjunta a ser tomada.

A queda da estátua de Saddam Hussein, no dia 9 de abril, transmitida para todo o mundo pela televisão, foi tomada pela mídia como símbolo da queda do regime. No entanto, apesar do apelo cinematográfico do evento, muitos jornalistas resistiram ao impulso de comemorar (KEEGAN, 2005, p. 248).

5 CONCLUSÃO

O Brasil ciente do seu importante papel na comunidade internacional, na qual as relações são pautadas por complexo jogo de atores, interesses e normas que estimulam ou limitam o poder e o prestígio das Nações, considera importante dispor de forças estratégicas, em condições de pronto emprego, para solução de conflitos e projeção de poder, visando firmar o país no concerto das Nações e ter maior inserção nos processos decisórios internacionais.

O Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, como parcela indissociável do harmônico conjugado anfíbio, por suas características de prontidão operativa e capacidade expedicionária, através do preparo e emprego dos seus GptOpFuzNav, que possuem grande valor dissuasório e capacidade de projeção de poder, confere ao poder naval a credibilidade necessária para atuar nas áreas de interesse da Nação brasileira, em qualquer lugar do mundo.

Atualmente, existe uma tendência crescente e irreversível de adensamento populacional nas grandes áreas urbanas, fazendo das cidades cada vez mais epicentros político, econômico, social e cultural em todo o mundo. O que, nos leva a confirmar que nos futuros conflitos, muitas das operações militares envolvendo os GptOpFuzNav, se não todas, serão conduzidas em Teatro de Operações totalmente caracterizado como ambiente urbano, como vivenciado na recente Guerra do Iraque de 2003. Neste conflito, assim como em outros ocorridos no início do século XXI, que mantêm e reafirma esta perspectiva, o binômio blindado-infantaria foi amplamente explorado, trazendo importantes reflexos para a doutrina de OMAU em todos os níveis de condução da guerra sobre emprego dos meios blindados.

Destarte os comandantes operacionais que irão empregar os GptOpFuzNav em seus TO, devem ser profundos conhecedores da arte e da ciência da guerra da sua organização e emprego. Na arte, para aplicar no TO os componentes da estratégia operacional visando atingir os objetivos político-estratégicos, na ciência para explorarem as possibilidades e ao mesmo tempo respeitarem as limitações, das tropas e meios adjudicados sob seu comando, de forma a garantir o maior *momentum* no local e momento decisivo. Por isso se diz que a estratégia no nível operacional é amálgama entre a arte e a ciência, a interface entre o nível estratégico e o tático.

REFERÊNCIAS

BAHIENSE, Álvaro L. Martins. Combate no interior de cidades: será possível evitá-lo no futuro? **Revista do Corpo de Fuzileiros Navais: O Anfíbio**. Rio de Janeiro, n.18, pp.45-51, 1999.

BBC. **BBC News Brasil**: Bush discursando no USS Lincoln, 2003. Disponível em:<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030502_bush2rg.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. **PDN**: Política de Defesa Nacional. Brasília, 2005.

_____. _____. **END**: Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, 2008.

_____. _____. **MG35-01**: Glossário das Forças Armadas. 4. ed. Brasília, 2007.

_____. ESTADO MAIOR DA ARMADA. **EMA 305**: Doutrina Básica da Marinha. 1 rev. Brasília, 2004.

_____. Escola de Guerra Naval. **Guia de Estudos de Estratégia - EGN-304B**. Rio de Janeiro, 2007.

_____. _____. NOTA DE AULA (mod-4). **Estratégia Operacional**. Rio de Janeiro: EGN, 2009.

_____. COMANDO GERAL DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS. **CGCFN 0-1**: Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. 1.ed. Rio de Janeiro, 2008a.

_____. _____. **CGCFN 31.1**: Manual de Operações Militares em Ambiente Urbano dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. 1.ed. Rio de Janeiro, 2008b.

_____. _____. **CGCFN 313**: Manual de Blindados de Fuzileiros Navais. 1. ed. Rio de Janeiro, 2008c.

CIDADE, Getúlio. **Níveis de Decisão**. In: Doutrina de Operações Combinadas. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2009. pp. 57-64. Slide.

DALE, Catherine. **Operation Iraqi Freedom: Strategies, Approaches, Results, and Issues for Congress**. Washington: Congressional Research Service, 2008. 124 p. Relatório

DIAS, L. David. **Improving Logistics Support for the Combatant Commander**. New Port, RI: Nava War College, 2003.

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina. **Manual para Normatização de Publicações Técnico-Científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GEIBEL, Adam. Lições em Combate Urbano: Grosny, noite de ano novo, 1994.. **Military Review**. Fort Leavenworth, KA, v 81, n. 2, p.33-40, 3. trim 1997..

HANN II, Robert F. O Combate Urbano e o Combatente Urbano de 2025. **Military Review**, Fort Leavenworth, KA, v 81, n. 2, p.36-46, 2. quadrim 2001.

HART, Basil Henry Liddell. **History of the First World War**. 3. ed. London: Pan Books, 1972.

JUNIOR, Leonel Mariano da Silva. A Operação Iraqui Freedom – Operações Militares em Áreas Urbanas. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, n.10, p.143, set. 2005. Semestral.

KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque**. Tradução de Laís Andrade Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2005. Título original: **The Iraq War**.

KRIVITSKY, S.; TAYLOR, MICHAEL. **Death Before Dismount: Transforming an Armor Company**. Armor Magazine, Fort Knox, p. 26-34 mar. e abr. 2005.

LIMA, Luiz Afonso Bottentuit. Emprego dos novos CC SK 105 A2S: novas possibilidades. **Revista do Corpo de Fuzileiros Navais: O Anfíbio**. Rio de Janeiro, n.20, pp. 29-34, 2001.

McNEILLY, Mark. **Sun Tzu e a Arte da Guerra Moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MONTEIRO, Álvaro Augusto Dias. O Corpo de Fuzileiros Navais. **Revista do Corpo de Fuzileiros Navais: O Anfíbio**. Rio de Janeiro, edição especial, pp. 108-111, 2008.

ZENTGRAF, Maria Christina. **Introdução ao Estudo da Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: COPEAD/UFRJ, 2008. Módulo de ensino.

UNFPA. Fundo de População das Nações Unidas. **Situação da População Mundial: relatório 2007**. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/pcp_publicacoes.htm>. Acesso em: 2 jul. 2009. *Journal of Military and Strategic Studies*, Spring 2006/07, Vol. 9, Issue 3.

USA. Joint Chiefs of Staff. **Doctrine for Joint Urban Operations – JP 3-06**. Washington - DC, 2002.

APÊNDICE A - Principais aspectos da Guerra Do Iraque

Este apêndice foi elaborado visando facilitar o entendimento do trabalho, através de uma breve apresentação dos antecedentes da guerra, seu planejamento e execução.

1 ANTECEDENTES DA GUERRA

A intenção do governo dos EUA de tomar uma ação militar contra o Iraque foi oficialmente divulgada em 17 de março de 2003, quando o Presidente Bush deu um ultimato a Saddam Hussein e a seus filhos para deixar o Iraque dentro de 48 horas. "Sua recusa em fazê-lo", disse ele, "resultaria em um conflito militar." (DALE, 2008, p. 8)

1.1 Objetivos Estratégicos

O objetivo da Administração Civil de curto prazo para OIF foi retirada do regime. Como o presidente Bush declarou em se discurso de 17 de março de 2003, "*Address to the Nation*", "É tarde demais para que Saddam Hussein para permanecer no poder." No discurso, ele prometeu iraquianos: "Vamos demolir o aparato de terror [...] o tirano em breve será ido." (DALE, 2008, p. 9, tradução nossa).

Mas também, no mesmo discurso de março 2003, o presidente declarou que, em longo prazo, os EUA iriam ajudar os iraquianos a construir "um novo Iraque que seja próspero e livre." Seria uma Iraque, como ele descreveu, que não estaria em guerra com seus vizinhos, e que não abusaria de seus sua próprios cidadãos. Essas foram as bases do "endstate" - situação desejada final - elementos tipicamente usada pelos planejadores da guerra

O Plano de Campanha OIF do Comando Central (CENTCOM, por exemplo, descreveu o objetivo estratégico desta maneira: "Um Iraque estável, com a sua integridade territorial intactos e um governo de base ampla que renuncia desenvolvimento e utilização Armas Destruição em Massa (ADM), e não mais apóia o terrorismo ou ameaça seus vizinhos." (DALE, 2008, p. 9, tradução nossa).

1.1 Objetivos operacionais

O CENTCOM a partir dos objetivos político-estratégicos definiu objetivos operacionais da OIF desta maneira: "desestabilizar, isolar e derrubar o regime iraquiano e

fornecer suporte para um novo governo de base ampla; destruir a capacidade e infra-estrutura de ADM iraquianas; proteger os países aliados das ameaças e de ataques do Iraque; destruir as redes terroristas no Iraque, reunir informações sobre o terrorismo global, deter os terroristas e criminosos de guerra, e libertar os indivíduos injustamente detidos durante regime iraquiano, e apoiar os esforços internacionais para criar as condições de estabilidade em longo prazo no Iraque e na região "(DALE, 2008, p. 10, tradução nossa).

2. A FASE DO PLANEJAMENTO

Durante o processo de planejamento da OIF as discussões principais giraram em torno do tamanho da força, prazos de execução, sincronização das ações em terra e condução do apoio aéreo. Dale (2008) relata que segundo os participantes, durante todo o processo de planejamento, o Secretário de Defesa Donald Rumsfeld desempenhou um papel bastante ativo, constantemente incitando o uso de uma força ágil e de efetivo reduzido e uma operação de curta duração. O Secretário Rumsfeld por repetidas vezes teria entrado no meio das reuniões de planejamento com uma visão de transformação da defesa, tanto a nível institucional e como operacional

Dale relata que segundo Rumsfeld, a premissa básica de sua visão, tinha origem na Estratégia de Segurança Nacional de 2002, era de que "... as ameaças e inimigos que devemos enfrentar mudaram, e da mesma maneira nossa força." (DALE, 2008, p. 10).

De maneira genérica, isso significava a transição de um estrutura militar "organizada para dissuadir o Exército de Massas da Guerra Fria", para uma força mais enxuta e ágil. Este novo tópico na agenda de planejamento da OIF, não gerou debates sobre a forma de combater na guerra no Iraque, mas também - implicitamente - como organizar, o homem, treinar e equipar a força para o futuro. Para os estrategistas militares, a orientação para usar uma força enxuta e ágil reflete uma mudança fundamental, em direção contrária, da Doutrina Powell - que a força, se utilizada, deve ser superior a do oponente.

O esforço de planejamento começou cedo, pouco antes de do Dia de Ação de Graças de 2001, quando o Presidente Bush pediu ao Secretário Rumsfeld para desenvolver um plano para a remoção do regime no Iraque, e Rumsfeld, de imediato deu essa atribuição ao comandante do Comando Central (CENTCOM), General Tommy Franks.

O ponto de partida para o esforço de planejamento foi o "plano de prateleira", Plano da Guerra no Iraque, conhecido como 1003-98, que tinha sido desenvolvido e refinado

durante a década de 1990. Esse plano contemplava uma força entre 400.000 e 500.000 soldados, incluindo três do Corpo de Exército (ou equivalentes), com um longo cronograma para a mobilização e desdobramento da força. Quando o General Franks informou o Secretário Rumsfeld sobre estes planos no final de novembro, o mesmo imediatamente ordenou uma nova versão - com menos tropas e um cronograma de implantação mais rápido.

No início de 2002, o General Franks informou ao secretário Rumsfeld sobre o Plano "Generated Start". Esse plano previa de infiltração antecipada de equipes da CIA, para construir bom relacionamento e obter informações, para preparar a chegada das Forças de Operações Especiais, em especial no norte do Iraque e na província de Al Anbar, a oeste. O esforço principal das forças convencionais começaria, quase que simultaneamente, com ataque aéreo e por terra. A força continuaria a crescer para cerca de 275.000 homens.

O Componente Aéreo do CENTCOM (CFACC) – insistentemente pediu modificar o plano para incluir de 10 a 14 dias de campanha aérea de no início, no modelo de da Guerra do Golfo (1991). Mas foi consenso que o ataque por terra seria precedido por uma curta e eficaz campanha aérea, teria maiores chances de surpresa.

Mais tarde, na primavera de 2002, os planejadores CENTCOM desenvolveram um plano alternativo chamado "Start Running", que abordou a possibilidade de que o regime iraquiano pudesse escolher a hora de começar a guerra através de alguma provocação, como o uso de ADM. O plano previa uma força ainda menor e um cronograma mais reduzido que o plano anterior, sem, contudo alterar a parte da infiltração das equipes da CIA e FOEsp. Primeiro teria início 25 dias de campanha aérea, seguindo-se o avanço das forças terrestres no território iraquiano. A força terrestre poderia começar com apenas 18.000 homens.

No verão de 2002, os planejadores desenvolvido o chamado plano "híbrido", versão desses dois planos, que ecoou elementos-chave da "Running Start" - começando com uma campanha aérea e tropas por terra, enquanto outras forças terrestres ainda avançam pelo território iraquiano. Especificamente, o plano previa: notificação Presidencial 5 dias de antecedência; 11 dias para o desdobramento de forças; 16 dias para a campanha aérea; o início da campanha terrestre sem alterações, e duração campanha de 125 dias.

Em janeiro de 2003, na conferência dos Comandantes de Componente do CENTCOM, organizada pelo General Franks, em Tampa, os planos que se uniram em torno de uma versão modificada do Plano "Generated Start". Este plano apresentava uma campanha aérea inicial muito curta. A campanha terrestre contaria com o V Corpo do Exército e a Marine Expeditionary Force (I MEF), com algumas de suas unidades cruzando a linha de

partida do Kuwait para o Iraque, enquanto as forças adicionais continuam a fluir para dentro do TO. Enquanto isso, a 4ª Divisão de Infantaria abriria uma frente norte ao entrar pela Turquia. O número de forças que iria começar a campanha de terra continuou a ser ajustado, em geral, para baixo, em dias subseqüentes.

Em 29 de janeiro de 2003, os Comandantes de Exército souberam que eles iriam entrar no Iraque, com apenas duas divisões - menos do que os seus planos previam. Nesta ocasião, o V Corpo e seus comandos subordinados estavam em um centro de treinamento em Grafenwoehr - Alemanha, ensaiando a abertura da tática de campanha terrestre em um exercício chamado "*Victory Scrimmage*." Durante o exercício, os comandantes e oficiais de estado-maior concluíram que seria necessário controlar algumas cidades no sul do Iraque, mas que não tinham forças suficientes.

O Comandante do V Corpo, o General William Scott Wallace, após o final da invasão do Iraque refletiu: "Eu acho que o Verão [chegou] eu não estava muito confortável com os níveis de tropas."

3 A INVASÃO DO IRAQUE

A Campanha Terrestre foi antecedida por uma rápida, porém forte campanha aérea, contra alvos militares e instalações do governo iraquiano e do partido Baath. Ao mesmo tempo foram desencadeadas atividades subversivas contra a estrutura de comando das divisões iraquianas desdobradas ao longo da primeira linha de defesa, próxima a fronteira com o Kuwait.

Agentes do serviço secreto entraram em contato com os comandantes das **seis divisões iraquianas posicionadas mais ao sul**, inclusive a 51ª Divisão Mecanizada e a 11ª Divisão de Infantaria, e insistiram com eles para que não lutassem, obtendo, segundo o General Franks, algum sucesso. De fato, quando a coalizão começou a avançar, as divisões iraquianas ao sul se dissolveram sem oferecer resistência efetiva (KEEGAN, p. 180).

Forças especiais também foram infiltradas com as tarefas de: neutralizar as pontes mais importantes sobre os rios, visando dificultar a chegada de reforços inimigos à frente de combate; bloquear as estradas de acesso do Iraque para Síria e tomar as bases de lançamento de mísseis *Scud*. Esta última tarefa se mostrou muito eficaz durante todo o conflito, pois dos *Scuds* que restaram, poucos foram lançados sobre as forças da coalizão e mais importante, nenhum deles contra Israel, conforme priorizado na diretriz estratégica, visando impedir o envolvimento de outros países árabes que permaneceram neutros durante a guerra.

3.1 A conquista dos campos petrolíferos de Rumalaia

No Dia-D, 20 de março de 2003, o 1º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais (1º BtlInfFuzNav) do 7º RCT (1/7 RCT), apoiado por blindados, atravessou os bancos de areia que marcam a fronteira entre o Iraque e o Kuwait e, dirigiram-se rapidamente para a conquista de seu objetivo, os campos petrolíferos de Rumalaia¹⁹, pois era vital conseguir tomar as usinas de separação de gás e de petróleo e a estação de bombeamento intactas, já que a reconstrução do Iraque no pós-guerra dependeria da receita de US\$ 40 milhões por dia gerada por esses campos. A seleção dos campos de Rumalaia como um “objetivo principal” cumpre o efeito desejado de manter a estrutura econômica iraquiana preservada, ressaltada pelo nível estratégico na sua diretriz inicial transmitida ao ComTO.

No dia 21 de março, o 1/7 RCT já havia percorrido 60 km adentro do território e inimigo e encontrava a apenas 5 km de seu objetivo, quando se deparou com pequenos focos de resistência e alguns CC inimigos já destruídos durante a campanha aérea, sem nenhuma oposição real. O comandante da Companhia CHARLIE (Cia “C”) do 1/7 RCT, que realizava o esforço principal, apesar da presença de 12 CC T-54 e outras VtrBld de fabricação soviética, bem posicionados no terreno, determinou que suas frações parassem e desligassem os motores de seus blindados, enquanto realizava uma criteriosa análise da situação. Tudo que ele conseguia ouvir eram alguns gritos e tudo que conseguia ver eram operários civis perambulando no interior da estação de bombeamento. Fruto dessa criteriosa avaliação não houve o confronto direto. As guarnições, que na verdade, não estavam operando os blindados iraquianos, saíram de seus esconderijos e se renderam aos fuzileiros navais. A Cia “C” prosseguiu no cumprimento de sua missão ocupando o objetivo.

Em 22 de março as ações em terra seguiam conforme planejado. A 1ª Divisão Blindada Britânica após atingir a Península de Fao seguiria para ocupar Basra, enquanto a I MEF e a 3ª DivInfMec continuavam seu avanço em direção a Bagdá.

Segundo a estimativa de inteligência o inimigo combateria com oito divisões. Um delas a 51ª DivInfMec, responsável pelos campos de Rumalaia, fora destruída pelo campanha aérea e o restante debandara durante os combates na região de Rumalaia.

Após o colapso da 51ª, outras cinco divisões permaneceram na região sul,

¹⁹ 3º Campo petrolífero mais rico depois dos grandes campos de Kirkuk-Mosul na região do Curdistão (KEEGAN, 2005, p. 183).

estacionadas ao longo do rio Tigre. Aproveitando o deslocamento da 1ª DivBld britânica em direção a Basra, os fuzileiros da 15ª UAnf simularam um ataque com seus CC e CLANF contra as cinco divisões, enquanto a I MEF e a FT Tarawa avançavam para Bagdá, e depois seguiram para incorporarem a I MEF em Nasiriyah.

3.2 A Batalha de Nasiriyah

A cidade de Nasiriyah representava um importante ponto de passagem sobre o Eufrates. Essencialmente uma ilha de 6 km², a cidade tinha pontes no extremo norte e no extremo sul: duas na Rodovia 7, que cruzava o centro da cidade, e duas na Rodovia 8, que margeava o limite leste da cidade.

O planejamento para conquista e ocupação de Nasiriyah havia sido traçado ainda a bordo, durante a travessia para a região do conflito, pela FT Tarawa. A idéia de manobra primava pela simplicidade e rapidez das ações, empregando, sucessivamente, um batalhão para progredir eixado pelo lado leste da cidade e capturar uma das pontes norte; e outro batalhão, seguindo o primeiro, para manter a cidade sob controle; a fim de permitir a passagem e avanço da I MEF em direção a Bagdá. Para o que contariam com o apoio de blindados, de helicópteros e de artilharia para manter a impulsão do ataque e iniciativa das ações.

Segundo Keegan (2005, p. 186) “o planejamento rigoroso não conseguiu alcançar o resultado esperado, por circunstâncias que, felizmente, foram raras durante a Guerra do Iraque”.

A defesa de Nairiyah estava sobre a responsabilidade da 11ª Divisão de Infantaria, que como já era de se esperar, abandonou suas posições e desertou como as demais antes da chegada dos fuzileiros. Na avaliação da FT Tarawa a única ameaça remanescente poderia vir da população local que era pró-Saddam Hussein, que aprenderam ter prudência após terem sido severamente punidos após a guerra de 1991, quando se rebelaram contra o regime baaista (KEEGAN, p. 187).

Mas o quadro que se pintou foi bem mais negro. Nasiriyah havia sido escolhida pelo partido Baath e pelas várias milícias de Saddam como uma boa região para estabelecer a resistência. Assim, nos dias 22 e 23 de março, guerrilheiros *fedayins*²⁰ começaram a chegar à

²⁰ Fedayins: o mesmo que “mártires”. Tropa irregular iraquiana que recebeu essa denominação em alusão aos combatentes islâmicos que se opuseram ao Exército soviético no Afeganistão (KEEGAN, 2005, p. 164)

cidade em meios de transportes privados – carros, motocicletas, taxis – e em ônibus providos pelo partido Baath. Muitos nem sequer eram iraquianos, mas extremistas vindos de outros países árabes e, ainda que mal treinados, estavam ansiosos por matar e morrer na Guerra contra o ocidente. Com eles trouxeram seu *kit* básico para o combate irregular em ambiente urbano: fuzis de assalto *Kalashnikov*, explosivos e lançadores de granadas do tipo RPG-7 (*Rocket Propelled Grenade*).

As três grandes unidades – 3ª DivInfMec, I MEF e FT Tarawa – convergiram para a região de Nasiriyah, a onde se misturam. Para completar o caos ao cair da noite e em meio aos redemoinhos de poeira, uma unidade de suprimentos da 3ª Divisão, a 507ª Companhia de Manutenção, errou de direção, entrou em Nasiriyah no sentido da ponte leste sobre o Eufrates e foi atacada a tiros. Como resultado: nove mortos e seis capturados, dentre estes estava a soldado Jessica Lynch, que foi notícia na mídia internacional por ter sido, involuntariamente, heroína da Guerra do Iraque (KEEGAN, 2005, p. 187).

Como resposta ao ataque à 507ª Cia, a FT Tarawa, localizada ao sul de Nasiriyah, lançou o 1º Batalhão da 2ª Divisão de Fuzileiros Navais embarcado em VtrBld CLANF e apoiado por uma Companhia de Carros de Combate Abrams para resgatar os sobreviventes. Logo a unidade se envolveu num intenso combate urbano, que prejudicaram o seu avanço e isolaram suas companhias.

O Comandante do 1º Batalhão, sob pressão do escalão superior, ordenou o avanço das suas subunidades para tomar a ponte leste. A única peça de manobra a lograr êxito foi a Companhia ALFA (Cia “A”) que assumiu o controle de desta ponte sobre o Eufrates. A Companhia BRAVO (Cia “B”), que seguia eixada a Cia “A”, atravessou a ponte, mas tomou a direção errada, caindo em um terreno restritivo ao movimento de suas viaturas e logo se viu em meio a uma emboscada sob intensos fogos dos *fedayins*.

Enquanto isso, a Companhia CHARLIE (Cia “C”) tentando assumir o controle de outra ponte mais distante, após ter passado metade de seus blindados, teve a viatura CLANF do centro da coluna atingida por um RPG, que se incendiou, deixando o restante das viaturas para trás. Logo surgiram muitos *fedayins*, que com suas armas automáticas e RPG mataram vários soldados e ferindo outros tantos. Para completar o caos, durante a confusão de remoção de feridos e a retirada sob fogo, uma aeronave A-10 norte-americana desencadeou um ataque ao solo que atingiu várias viaturas. Somente com a chegada dos CC Abrams da Cia “A”, o tiroteio abrandou.

Nasiriyah por seus intensos combates, na maioria em áreas de emboscada, ficou

conhecida pelos fuzileiros navais como *Ambush Alley* (Alameda da Emboscada). Foram 5 horas de intensos combates.

A primeira vista Nasiriyah poderia ter sido contornada, construindo-se pontes sobre o Eufrates, para o que havia pessoal e material disponível, mas, ainda, haveria o problema de retornar às estradas para se ganhar velocidade no prosseguimento para Bagdá.

Consciente da necessidade de se controlar efetivamente a localidade, nos dias 23 e 24 de março, a FT Tarawa desencadeou um ataque clássico para conquista de uma localidade. Isolou a cidade para evitar a infiltração de reforços e investiu sobre a localidade para buscar e capturar os guerrilheiros *fedayins* e membros do partido Baath. A resistência iraquiana em Nasiriyah só caiu nos últimos dias de março, quando se tornou um local seguro para permitir o contínuo fluxo logístico para apoio da I MEF.

Após sobrepujar o inimigo em Nasiriyah, outros dois fatores entraram em jogo para reduzir a impulsão do avanço da coalizão: a logística e a meteorologia.

O problema logístico se resumia não falta de suprimentos que atingiu a 3ª DivInfMec, mas que poderia ser corrigido por ser tratar de um erro de planejamento – erro humano. Ao contrário, do fenômeno meteorológico denominado de *shamal*²¹, cuja solução, por ser tratar de um fenômeno da natureza, não estava ao alcance das mãos humanas.

A *shamal* transformou o dia em noite interferindo na observação e dificultando o avanço das tropas. A saúde dos soldados também foi afetada pela *shamal* causando epidemia de tosse e expectoração com sintomas de febre baixa de longa duração. Os equipamentos também sofreram os efeitos da *shamal*, máquinas emperravam e os dispositivos de visão noturna perderam sua eficiência.

Apesar da *shamal* a I MEF com seus três regimentos continuou sua marcha - RCT 1 pela Rodovia 7, o RCT 6 e o RCT 7 pela Rodovia 1 - com destino a Bagdá, enquanto a 3ª DivInfMec, otimizando ao máximo seus recursos durante o prosseguimento em direção a Karbala quando decidiu que teria que parar para reabastecimento. Os fuzileiros navais, por seu caráter histórico de força expedicionária, tinham por tradição serem mais leves que o Exército, portanto, não precisava de grandes pausas para o reabastecimento. Além disso, o Major-Genaral James Mattis, Comandante da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais (Núcleo do *Ground Combat Element* da I MEF), havia tomado providências para que as aeronaves C-130, trazendo tonéis de combustível de 5.000 galões, pousassem ao longo da Rodovia 1,

²¹ Tempestade de pó de areia misturada com sedimentos de aluvião trazidos pelo vento da região central do Iraque durante a primavera.

permitindo o reabastecimento, coordenado por escalões, das viaturas da I MEF ao eixo de progressão.

Estava criado um impasse! O desenho operacional inicial previa o ataque simultâneo da 3ª DivInfMec e da I MEF sobre a capital Bagdá, ressaltando como um dos elementos chave para a vitória o preparo do reabastecimento das tropas. Apesar do descontentamento dos fuzileiros navais, que desejavam assumir o esforço principal, em 27 de março no Posto de Comando da I MEF, foi definida uma pausa - que poderia durar de 3 a 4 dias - em conjunto pelos Gen Conway (I MEF), Gen Wallace (V Corpo) e Gen McKiernan (ComCTe). Como consequência o 5 RCT (FCob) teve que recuar cerca de 50 km para não perder contato com o grosso da I MEF.

3.4 A Batalha de Bagdá

No prosseguimento para Bagdá, as brigadas das duas divisões pára-quedistas - a 82ª e a 101ª - lograram êxito na missão de proteger o flanco esquerdo da 3ª DivInfMec, particularmente, próximo as localidades de *Samawah e Najaf*. A 101ª, além de controlar *Najaf*, seguiu para a captura de *Hillah*, pois estas duas cidades protegiam as Rodovias 8 e 9 que sobem o Vale do Eufrates até os arredores de Bagdá e precisavam ser controladas para evitar ataques surpresas dos guerrilheiros *fedayins* homiziados nessas duas localidades na retaguarda da 3ª DivInfMec. Para a conquista de *Najaf*, que ocorreu sem problemas, a 101ª empregou a 1ª Brigada apoiada pelo 1ª /70º Batalhão de Carros de Combate, para investir na cidade pelo sul e a 2ª Brigada apoiada por helicópteros para bloquear os acessos norte à *Najaf*. Porém, o mesmo não aconteceu em *Hillah*, onde a 101ª tinha duas tarefas importantes: apoiar à operação de transposição do rio Tigre pela I MEF e proteger a montagem e desembocar do ataque da 3ª DivInfMec a partir de *Karbala* (KEEGAN, 2005, p. 201).

Ambas as tarefas envolveram a 101ª em pesados combates em localidade com a Divisão *Hamurabe* da Guarda Republicana, que enviara CC e tropas de infantaria da capital para defender seu setor sul. Keegan (2005, p. 202) relata como um dos poucos episódios de resistência organizada das forças convencionais iraquianas.

[...] as tropas de infantaria e os carros-de-combate da 101ª foram forçados a lutar passo a passo, dependendo de bombardeios da artilharia, assim como base de fogos proporcionada pelos carros-de-combate e do apoio aéreo para reduzir as defesas à medida que os pontos fortes eram identificados. Os iraquianos também usaram artilharia, exigindo que os estadunidenses respondessem com fogos de contra-bateria[...]. (KEEGAN, 2005, p. 202)

Após oito dias de combates - 2 a 10 de abril - o caminho para Bagdá estava livre. A exceção da passagem de Karbala, os demais objetivos - aeroporto internacional e os pontos terminais das auto-estradas – estavam todos dentro da região metropolitana da capital iraquiana.

A operação do V Corpo tinha cinco objetivos. Um elemento do 7º Esquadrão de Cavalaria da 3ª DivInfMec, com duas *Brigade Combat Team* (BCT), lideraria a incursão no corredor de Karbala. O restante da 3ª Divisão avançaria a partir do deserto para conquistar as pontes sobre o Rio Eufrates, ao sul de Karbala. Em seguida, as brigadas da 101ª Divisão de Assalto Aéreo fariam ações em força ao sul, sobre o Eufrates, e a outra parte organizaria uma investida de reconhecimento no deserto a oeste de Karbala, visando confundir o alto-comando iraquiano quanto às reais intenções da força de ataque. O plano também procurava desviar atenção da aproximação da IMEF pelo flanco leste da cidade, rio Tigre acima (KEEGAN, 2005, p. 231 e 232).

Segundo Keegan (2005, p. 231) o Gen Franks pretendia conduzir o combate nos arredores de Bagdá, utilizando as forças do CTe para fixar a Guarda Republicana num local previamente escolhido, ao mesmo tempo desencadearia um pesado bombardeio na retaguarda da divisão iraquiana para evitar seu retraimento para o interior da cidade, forçando o enfrentamento direto com as unidades blindadas norte-americanas. Sua idéia era evitar o combate urbano em meio aos prédios da cidade, onde a Guarda Republicana poderia, de fato, criar uma “*Saddamgrado*”- em menção a Batalha de Stalingrado na IIGM, o que poderia prolongar a batalha por Bagdá.

Portanto, a forma de manobra ofensiva era um clássico duplo envolvimento - ou envolvimento em pinças – para que Saddam e seus filhos Qusay e Uday, que haviam assumido o comando das tropas iraquianas, à medida que a crise se agravava, fossem incapazes de identificar o golpe fatal e não conseguissem empregar a Guarda Republicana. Desta forma, o sucesso da operação de penetração no centro seria garantida pela queda do dispositivo inimigo na periferia da cidade.

No dia 1º de abril, a 3ª Brigada da 3ª Divisão, com dois batalhões de infantaria blindados na vanguarda, assumiu o controle da periferia leste de Karbala, enquanto a 1ª Brigada manobrava para atacar pelo outro lado. O objetivo principal da divisão era assumir o controle das barragens e pontes sobre o Eufrates.

No dia seguinte, a resistência inimiga havia sido neutralizada o suficiente para permitir que a 3ª Divisão começasse a executar a travessia do Eufrates. Na tarde deste mesmo

dia, o 3º /69º BtlInfBld, reportou ter atravessado com três blindados uma ponte que estava preparada para demolição, mas que não havia sido destruída. Logo depois desta falha, batalhão já havia posicionado suas três companhias entre o rio e Bagdá e estava pronta para iniciar a fase do avanço – investimento. Atrás do 3º /69º, foram rapidamente lançadas duas pontes alternativas – uma ponte média e outra flutuante - sobre o Eufrates pela tropa de engenharia divisionária.

Uma vez cruzado o rio, os CC e VtrBld da vanguarda da 3ª Divisão rapidamente alcançaram o aeroporto internacional. Ao mesmo tempo blindados estadunidenses formaram um perímetro defensivo em torno de dois anéis rodoviários a oeste, entre as pistas do aeroporto e o Rio Eufrates e esperaram o contra-ataque iraquiano. O que não demorou muito. O comando iraquiano reconheceu que a chegada da vanguarda da 3ª Divisão no aeroporto era presságio da queda do regime e como resposta desencadeou ondas sucessivas de ataques *fedayins* valendo-se de qualquer tipo de meios de transporte. Keegan (2005, p. 236) descreve os ataques:

Os *fedayins* se comportavam como verdadeiros mártires, como alegavam ser, disparando tiros de fuzil de assalto e granadas lançadas por foguetes [RPG] em investidas desogarnizadas contra as posições norte-americanas, até que 400 deles jaziam no campo de batalha. (KEGAN, 2005, p. 236)

Em 4 de abril, os ataques *fedayins* tornaram-se mais organizados, contando, inclusive com apoio de carros de combate. Os estadunidenses contra-atacaram com o canhão 120 mm do CC M1A1 *Abrams* e também com os canhões 25mm da VtrBld *Bradley*, que apesar de não serem projetados para atacar carros de combate inimigo, mas sim transportar a infantaria sob a proteção dos CC, mostrou-se extremamente eficazes contra os CC iraquianos, destruindo cinco T-72²² de fabricação soviética. Mais tarde, aeronaves de reconhecimento identificaram um grupo de T-72 escondidos sob os viadutos e, guiaram os CC Abrams para esse local, que a uma distância de 1000 m ou mais conseguiram destruir 16 T-72, completando a destruição de todos os CC iraquianos enviados para combatê-los (KEEGAN, 2005, p. 237).

O emprego conjunto de aeronaves de reconhecimento e blindados permite explorar os princípios da economia de meios, ofensiva e da surpresa por nossas forças, ao

²² T-72 de fabricação russa possui blindagem frontal de 280mm foi concebido no princípio da década de 1970 quando o rival norte-americano era o veterano M-60 desenvolvido em 1961. Em 1980 teve início a produção do M1 Abrams com canhão de 105 mm, depois substituído por sua versão M1A1 com canhão 120 mm e a partir de 1993 pela versão M1A2 dotada de modernos sistemas de tiro e gerenciamento digital do campo de batalha.

passo que restringe a liberdade de ação dos blindados inimigos.

Nesta fase da campanha terrestre dois objetivos operacionais haviam sido alcançados: o controle do aeroporto internacional e a abertura de uma frente de aproximação de Bagdá pelo oeste. Na noite de 4 de abril, o 2º BCT já estava dentro do perímetro urbano, neutralizando as resistências remanescentes.

No dia 5 de abril, ocorreu a tentativa iraquiana de retomada do aeroporto com de destacamentos blindados, remanescentes da Guarda Republicana e do Exército regular, composto por CC T-72 e T-55, do início da guerra fria, para combater os modernos CC Abrams e VtrBld Bradley. Mais uma vez, a obsolescência de seus meios condenou-os ao completo massacre - 12 CC T-72 e 2 T-55, além de outros seis blindados destruídos – sem perdas do lado estadunidense.

Neste momento da campanha, o Comando Combinado do Teatro de Operações, decidiu por uma breve pausa para analisar as alternativas operacionais. Pois, a lembrança de experiências ruins nos combates urbanos em *Hue* (Vietnã) e em *Mogadishu* (Somália), recomendava cautela. Mas os generais Franks (ComCte) e McKiernan (V Corpo) pensavam de forma mais otimistas, influenciados pelos extraordinários resultados alcançados, com velocidade de progressão e amplitude de distância vencida jamais vistas e com a desintegração de um exército de efetivo duas vezes maior que a força de invasão. Keegan (2005, p. 238) assinala que: “Franks e McKiernan estavam convencidos que os oponentes haviam perdido, se é que alguma vez os haviam tido, meios para organizar uma efetiva defesa de Bagdá”.

Obviamente, entre muitas razões para desse sucesso estavam na qualidade superior do equipamento e melhor organização, além dos fatores morais e a dimensão psicológica, que também haviam desempenhado o seu papel – causa das duas grande ondas de deserção das tropas regulares.

Convencidos do sucesso alcançado que da necessidade de prosseguir no aproveitamento do êxito, o ComTO deu permissão para lançarem missões de reconhecimento em profundidade - incursões-relâmpago ao centro da cidade ao estilo britânico aplicado em Basra. Na realidade, as operações realizadas em Basra se valeram da experiência no passado na Irlanda do Norte contra o grupo separatista IRA²³.

Na manhã de 5 de abril, a vanguarda da 3ª DivInfMec, o 1º /64º Batalhão, deslocou-se a partir de suas posições de pernoite e para ataca, eixado pela Auto-estrada 8, em

²³ **IRA** = Irish Republican Army

direção à periferia sula da cidade, tendo por objetivo o “distrito governamental”.

A situação do inimigo, reportada pelo serviço secreto, dava conta que o centro de Bagdá estava cheio de guerrilheiros *fedayins*, Guarda Republicana, Exército regular e *jihadistas* estrangeiros. Totalizando 15.000 guerrilheiros e 2 Brigadas convencionais, aparentemente, sob o controle dos filhos de Saddam – Uday e Qusay – nenhum deles qualificado militarmente para comandar e controlar operações militares com rapidez (KEEGAN, 2005, p.239).

As informações truncadas divulgadas pelo Ministro da Informação Mohamed Said AL-Sahhaf de que os invasores alcançaram a capital e estavam sendo fortemente rechaçados e sofriam pesadas baixas, com o intuito de animar as tropas iraquianas, acabou por causar efeito contrário. Durante o avanço do 1º /64º Batalhão em grande velocidade ao longo das avenidas, os soldados iraquianos foram surpreendidos tomando café da manhã, evidentemente alheios ao perigo iminente por confiarem nas informações oficiais do regime. Outros combatentes iraquianos, que estavam mais a frente, assumiram suas posições e cobriram as colunas blindadas com intensos fogos de seus fuzis e lançadores de granada RPG-7, ambos ineficazes contra a blindagem dos CC Abrams e VtrBld Bradley. Keegan (2005, p. 239) ressalta a disposição dos soldados iraquianos em combater em condições desfavoráveis, mesmo com o sacrifício da própria vida.

Quanto mais os estadunidenses penetravam na cidade, mais se acentuava a disposição dos soldados ao martírio. Eles surgiam às centenas ao longo das ruas da cidade, em ondas de ataques suicidas, com suas armas imediatamente suplantadas pelas dos invasores. (KEEGAN, 2005, p. 239)

Apesar da assimetria de forças, os iraquianos lograram relativo êxito contra o inimigo incontestavelmente superior. Um CC Abrams foi incendiado por um lançador RPG-7, mas os soldados estadunidenses conseguiram evacuar o blindado sem sofrer baixas. Muitos CC do 1º /64º Batalhão foram, também, atingidos por RPG-7, mas nenhum foi totalmente perdido. Após os reparos e reabastecimento estavam prontos para entrar em ação. Não houve baixa real do lado estadunidense, porém, do lado iraquiano centenas de soldados foram mortos em combate.

À medida que as grandes unidades, 3ª DivInfMec e I MEF fechavam seu movimento de pinça em torno da capital iraquiana, a 3ª BCT recebeu a tarefa de controlar a Rodovia1 - auto-estrada que liga Bagdá a Tikrit – considerada única rota de fuga de Bagdá. A batalha para evitar a fuga da cidade durou 10 horas e foi um combate intenso, que resultou no confronto entre os CC da Guarda Republicana e o 7º Esquadrão de Cavalaria, pelo controle do

último viaduto de saída da cidade.

Agora, as tropas da 3ª DivInfMec controlavam o perímetro oeste da capital, enquanto a I MEF controlava a porção leste. As forças iraquianas não tinham poder de combate para quebrar o cerco pelo lado de fora e, embora houvesse grande número de soldados e guerrilheiros no interior da cidade, concluiu-se que eles não tinham nem disposição moral nem organização suficiente para conduzir uma defesa efetiva ou um contra-ataque para romper o cerco de dentro para fora.

Face avaliação acima foi desencadeada uma segunda incursão-relâmpago pela 2ª BCT, que caso resultasse numa penetração bem sucedida, este ataque seria transformado em uma ocupação permanente do centro de Bagdá.

No entanto, logo que a 2ª BCT cruzou a linha de partida, a batalha tomou um rumo indesejado. Mais uma vez se confirma a teoria clausewitziana de que a guerra é a província da incerteza e do acaso: “O ambiente da guerra é de informação imperfeita e incompleta, decorrente tanto da ação deliberada do inimigo [...] quanto da imprevisibilidade dos próprios elementos que formam o ambiente” (BRASIL, 2006, p. 3-25).

No avanço para alcançar o “distrito governamental” a 2ª BCT deveria passar por três pontos críticos no caminho para o centro, eram três viadutos da malha viária da cidade. No deslocamento em direção a esses pontos, um míssil de superfície iraquiano atingiu o PC da brigada, matando cinco soldados e danificando várias viaturas. Apesar da desordem e atraso na operação causados pelo ataque surpresa de, a 2ª BCT já retomava o avanço, liderada por uma Força-Tarefa (FT) nucleada no 1º /64º Batalhão de Carros de Combate, com 70 CC Abrams e 60 VtrBld Bradley. Os inimigos encontrados no eixo de progressão da FT 1º /64º forma principalmente *fedayins*, agora um pouco mais organizados, haviam improvisado obstáculos, virando ônibus, caminhões e guindastes, e construindo praças fortes e barricadas ao longo das ruas e no meio delas. Porém, sem dificuldades esses obstáculos foram removidos pelos próprios CC, mantendo a impulsão do ataque. O Coronel Perkins, comandante da 2ª BCT, considerou que o caminho para o centro de Bagdá estava livre e ordenou que o 1º /64º e sua unidade co-irmã, 4º /64º, prosseguissem. As unidades estavam a uma hora do distrito governamental.

Antes do distrito, havia um bairro cheio de parques e amplas avenidas, que oferecia bons campos de tiro e poderia ser facilmente defendido pelos *fedayins*.

Gen Blount aprovou o plano da 2ª BCT, com a condição que seus elementos de vanguarda pudessem ser reabastecidos com combustível e munição.

A tarefa de reabastecimento em combate foi atribuída ao 3º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria (3º /15º), comandada pelo Tenente-Coronel Twitty. Ele, rapidamente avaliou a situação e concluiu que, para garantir a chegada dos suprimentos às unidades de combate, ele teria que conquistar e manter os três viadutos – apelidados de *Moe*, *Larry* e *Curty* – os primeiros distantes entre si 1,5km, e *Curly* 3km à frente.

A companhias do 3º /15º engajaram em acirrados combates contra os *fedayins*, que além da conhecida tática – veículos civis para transporte, morteiros para apoio de fogo, e o preferido RPG-7 – usaram também um carro-bomba na frente entre Moe e Larry, mas os obstáculos improvisados pelos engenheiros de combate detiveram o seu avanço antes que atingisse as tropas estadunidenses.

A 3ª DivInfMec enviou reforços, o 2º /7º de Infantaria, para apoiar o 3º /15º no cumprimento de sua missão.

Durante a noite de 7 para 8 de abril , o centro e o distrito que já estavam parcialmente sob o controle da I MEF, foram totalmente tomados.

Do outro lado da Cidade Saddam - parte sudeste de Bagdá – as estradas levavam ao distrito governamental, que se encontrava circunscrito pelo Rio Diyala - um dos afluentes do Rio Tigre. Os três regimentos de combate de fuzileiros navais– à esquerda RCT 7, no centro RCT 1 e o RCT 5 à direita – com seus CC Abrams e VtrBld LAV, apoiados por sua artilharia, formavam um frente de aproximadamente 10km. Entre eles e seus objetivos, o Rio Diyala – com suas margens escarpadas e poucos pontos de travessia. Após o reconhecimento técnico da engenharia, chegou-se a conclusão que seria necessário grande esforço de engenharia para recuperar os pontes, principalmente, àquelas para travessia dos blindados.

A travessia inicial foi feita pelos fuzileiros navais por uma ponte de pedestre, que após vasculharem os escombros foram capazes de com meios de fortuna – vigas e portal de metal – avançarem para uma ponte quebrada para iniciar seu reparo. Nesta ação a artilharia iraquiana atuou matando quatro fuzileiros, mas o restante da equipe conseguiu completar a tarefa.

Após cruzarem o Rio Diyala, os fuzileiros começaram o investimento casa a casa, derrubando portas, vasculhando seu interior e gritando “limpo”, enquanto corriam para casa seguinte. A cerca de 500m além do Rio os fuzileiros estabeleceram a defesa de uma linha de cabeça-de-ponte, e assim as unidades seguintes puderam atravessar com certa segurança. Keegan (2005) registra nesse combate um tipo de incidente que se proliferou durante toda a campanha.

Várias vezes, veículos civis atravessavam zonas de fogo a toda velocidade, como se os ocupantes estivessem alheios aos perigos da guerra que os cercava. Era inútil ordenar aos fuzileiros suspenderem o fogo, porque muitos motoristas civis aparentemente desorientados eram, na verdade, *fedayins* ou homens-bomba [...] Mas alguns desses homens que foram alvejados eram realmente pessoas desorientadas ou em atitude de negação (KEEGAN, 2005, p. 246).

Agora, os três comandantes de RCT discutiam entre eles sobre qual seria a melhor opção – um ataque maciço ou uma operação de penetração. Conforme acumulavam informações, ficava claro que a área leste de Bagdá era “rica” em objetivos – aeroporto militar, centro de treinamento de *fedayins*, Universidade de Bagdá, Ministério da Defesa e os palácios de Saddam. Decidiram, então, em dividir a região leste em três zonas regimentais, que por sua vez seriam divididas em setores de batalhão, nove ao todo.

O avanço da IMEF pela região de Bagdá, nos dias 7 e 8 de abril, não encontrou oposição importante. Não houve oposição real nem do Exército Regular ou da Guarda Republicana.

No dia 9 de abril os fuzileiros prosseguiram para a Praça Firdos, onde opositores do regime tentavam derrubar a estátua de Saddam Hussein, puxando-a por uma corda, porém sem êxito. Os fuzileiros navais usaram o cabo de tração CC – cabo de aço para reboque - e conseguiram quebrar os pontos de sustentação da estátua.

A queda da estátua de Saddam Hussein, no dia 9 de abril, transmitida para todo o mundo pela televisão, foi tomada pela mídia como símbolo da queda do regime. No entanto, apesar do apelo cinematográfico do evento, muitos jornalistas resistiram ao impulso de comemorar (KEEGAN, 2005, p. 248).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de tudo, o tributo cobrado pela guerra em termos de mortes foi surpreendentemente baixo: 122 estadunidenses e 33 britânicos, entre os quais muitos por acidentes ou fogo amigo.

O número de militares iraquianos mortos não foi contado. A maioria dos recrutas do Exército Regular fugiu antes do início dos combates. As baixas podem ter sido maiores na Guarda Republicana, porém esse grupo também evitou confrontos diretos.

Com certeza, a luta mais intensa levada a efeito pelos guerrilheiros *fedayins*, “combatentes” não uniformizados, das mais variadas origens no mundo árabe, que buscavam uma oportunidade de dar a vida pela sua fé (KEEGAN, 2005, p. 252).

Na visão do historiador militar John Keegan (2005), a parte da justificativa para o

conflito - a existência de armas de destruição em massa - que jamais fora confirmada, a Guerra do Iraque de 2003 pôde ser considerada um grande sucesso, na qual em apenas 21 dias, de 20 de março a 9 de abril, a coalizão, sob o comando norte-americano, totalizando 200 mil militares, impôs uma fragorosa derrota ao Exército do Iraque de aproximadamente 400 mil militares, que armados e equipados, não lutaram para deter o avanço da força invasora. Por isso ao iniciar sua obra - *A Guerra do Iraque* - Keegan a chama de a “*guerra misteriosa*”, ou seja, uma guerra sem *casus belli* e sem resistência ponderável por parte do defensor. E por fim resume este alegado sucesso ao dizer: “Algumas guerras começam mal. Outras terminam mal. A Guerra do Iraque de 2003 foi excepcional, tanto por ter começado bem para as forças anglo-americanas que a deflagraram quanto por haver terminado com vitória” (KEEGAN, 2005, p. 13).

Obviamente a conclusão um tanto parcial por parte de Keegan pode ser atribuída ao pequeno número de baixas sofridas pela coalizão fase da invasão, aliada a rapidez nas ações que culminaram no cumprimento da missão, conquista de Bagdá e derrubada do governo Baaista de Saddam Russein.

Como assim, também, pôde ser considerado prematuro e otimista o discurso da vitória²⁴ do Presidente George W. Bush em primeiro de maio de 2003, intitulado *Mission Accomplished*, transmitido direto e ao vivo do porta-aviões norte-americano *USS Abraham Lincoln*, dando por encerrada a fase ofensiva da *Operation Iraq Freedom* (OIF) e declarando que a partir daquele momento as forças da coalizão assumiriam seu novo papel na garantia da segurança e reconstrução de um Iraque livre.

Na batalha do Iraque, os Estados Unidos e seus aliados foram os vitoriosos. E agora nossa **coalizão está ocupada em garantir a segurança e reconstruir o país**. [...]. No passado, as guerras eram vencidas matando mais e mais inimigos. Na Segunda Guerra Mundial, cidades inteiras foram destruídas, enquanto os líderes estavam em segurança. Guerras eram vencidas com a destruição de nações [...]. Nas imagens de estátuas sendo derrubadas, testemunhamos a chegada de uma nova era, disse. **"Hoje, nós temos o poder de libertar uma nação, destruindo o seu governo**. É um grande avanço quando os culpados têm muito mais a temer em relação a uma guerra do que os inocentes" (BBC, 2003, grifo nosso).

Boa parte dos cinco mil tripulantes do navio vibrou com as palavras de Bush, interrompendo seu pronunciamento várias vezes para aplaudi-lo de pé, acreditando no sentimento de missão cumprida e que o retorno para casa estava perto.

Mas no mundo árabe, do discurso teve efeito inverso. As palavras de Bush foram recebidas com ceticismo e com a mensagem de que a guerra no Iraque ainda não havia

²⁴ Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030502_bush2rg.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2009.

terminado e, sim estava apenas começando.

Segundo o correspondente da BBC no Cairo, Mark Doyle²⁵, isso aconteceu porque muitos enxergavam a ofensiva da coalizão contra o Iraque como uma invasão, seguida de ocupação militar. Doyle, complementou, dizendo que a maioria dos árabes também se sentiu humilhado com a presença militar ocidental na região islâmica e ficou orgulhosa em saber que ainda havia focos de resistência lutando contra a presença das tropas da coalizão (BBC, 2003).

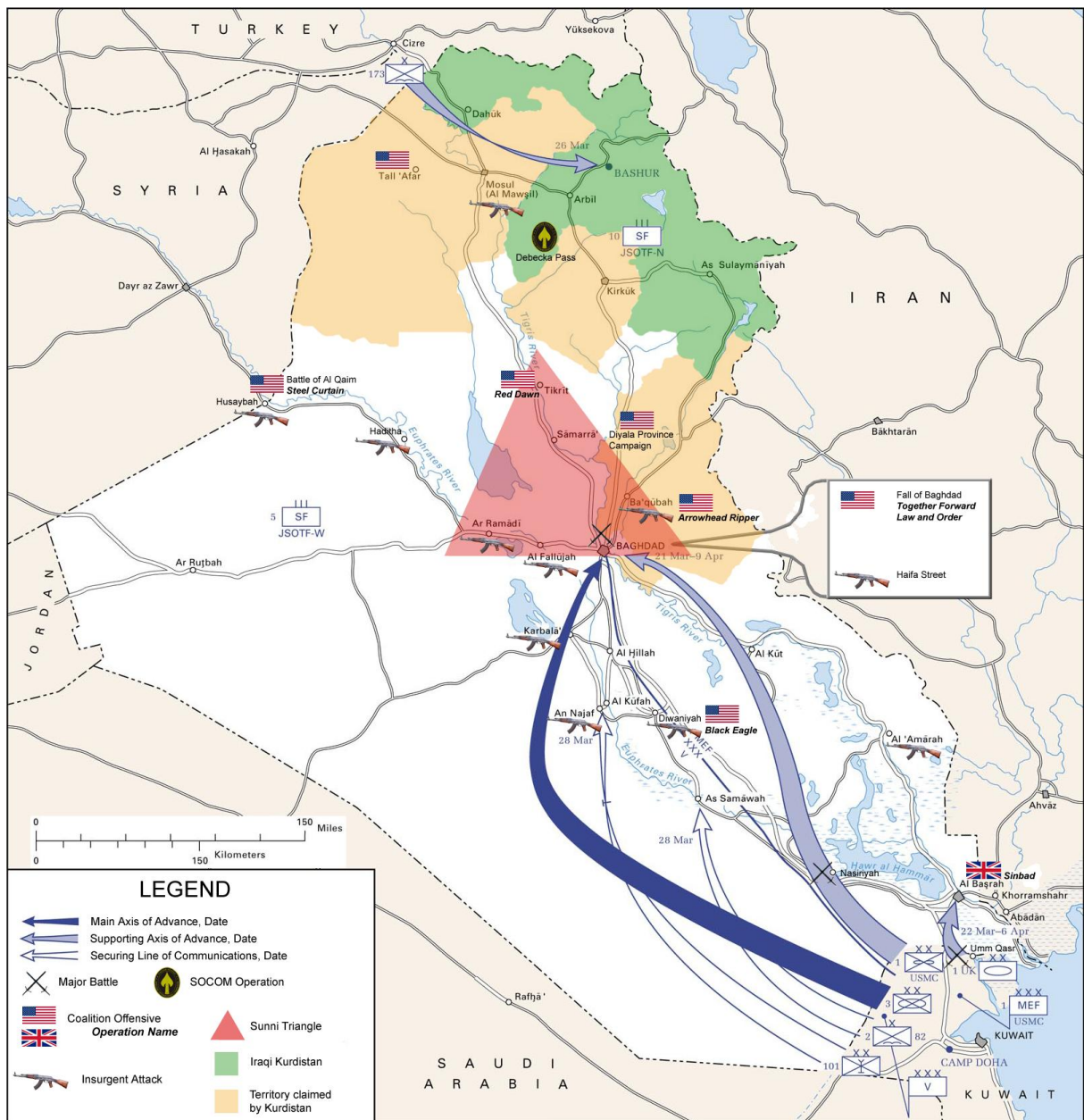


FIG. 06: Calco de Operação OIF

²⁵ Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030502_bush2rg.shtml >. Acesso em: 15 ago. 2009.

ANEXO A - ILUSTRAÇÕES

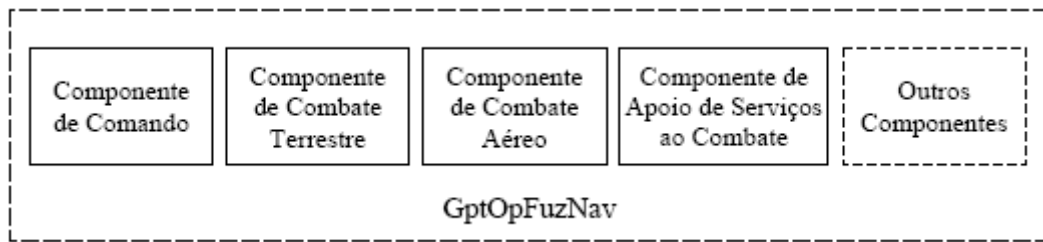


FIG. 01: Organização do GptOpFuzNav

Fonte: CGCFN 0-1 – Manual Básico dos Griparamentos Operativos de Fuzileiros Navais

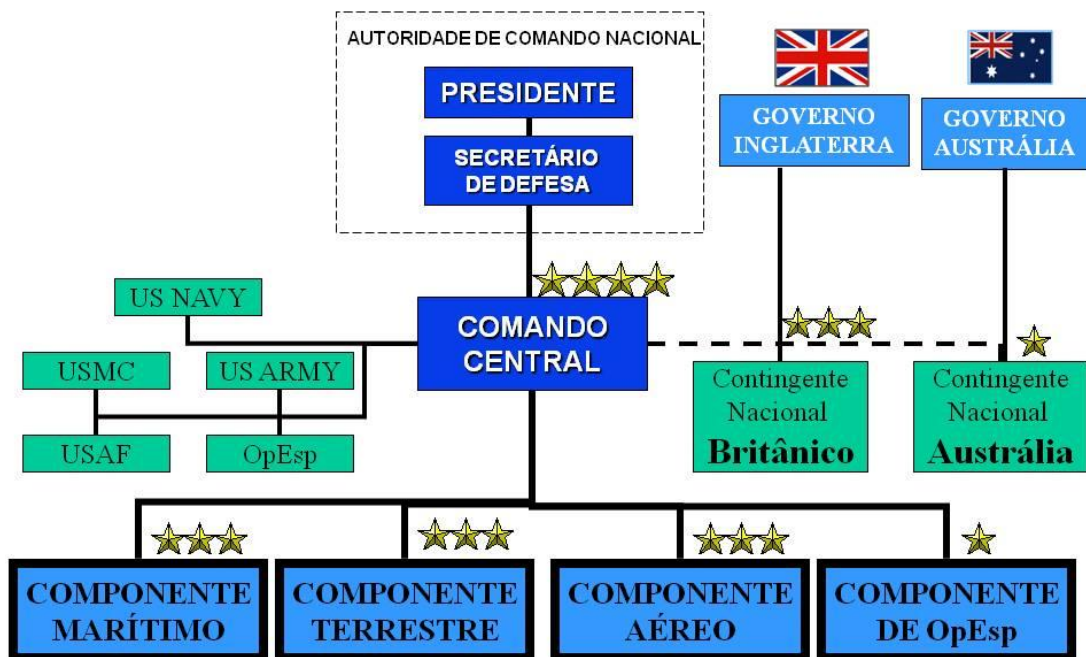


FIG 02: Organograma CENTCOM

Fonte: Autor



FIG. 03: Organograma Componte Terrestre

Fonte: Autor

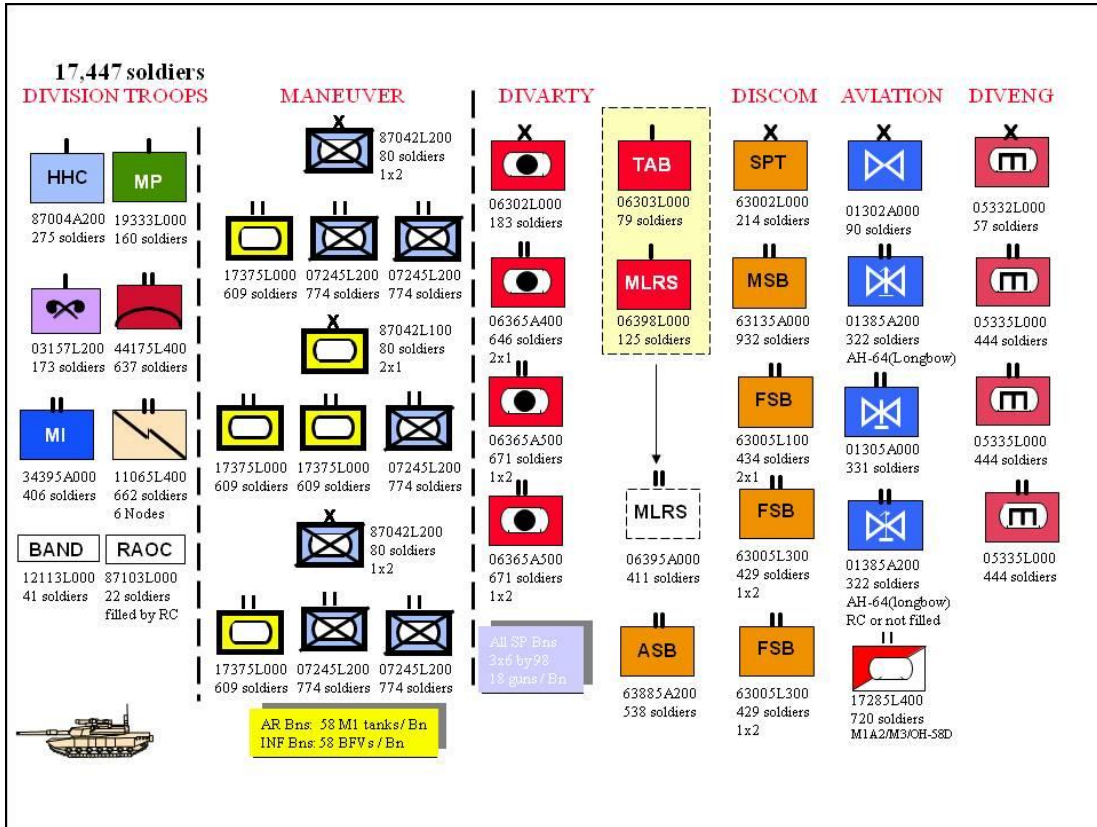


FIG. 04: Organização da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada

Fonte: Autor

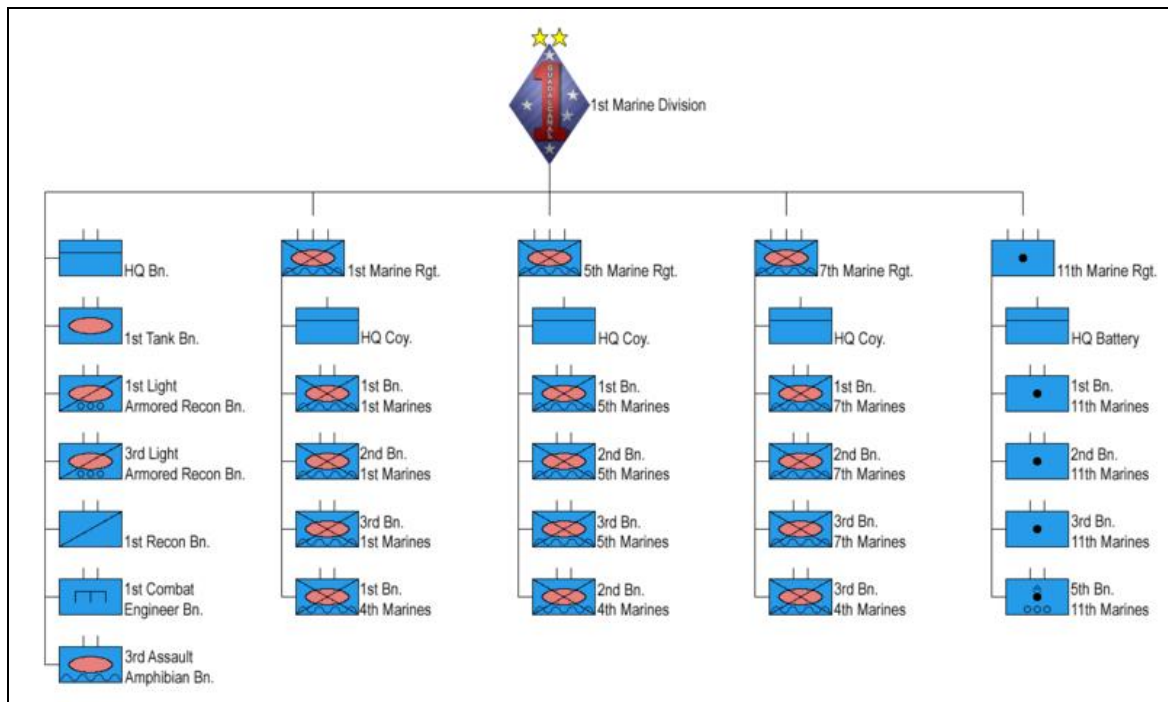


FIG. 05: Organização da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais (I MEF)

Fonte: Autor